

---

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

---

**CRUZEIROS NOTAVEIS \***

Sob este titulo começou a publicar-se no «Diario de Noticias» de 21 de novembro de 1904 uma serie de artigos, que parece ter despertado algum interesse entre os curiosos que apreciavam estes estudos. A Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em sessão de 29 de dezembro e por proposta de um dos seus mais illustrados membros, deliberou pedir venia ao seu auctor para os transcrever no *Boletim* da sociedade. Hesitei em corresponder a este tão honroso quão lisonjeiro pedido, embora a minha negativa se podesse tomar á conta de menos delicadeza. O motivo da minha falta de condescendencia, ou antes do meu escrupulo, justificaria, porém, o meu procedimento.

Os artigos sobre *Cruzeiros* tinham uma indole especial, adequada á folha em que eram insertos. Visavam apenas a chamar a attenção, sobretudo das classes populares, para uma especie de monumentos, que, apesar da sua modestia, representam de um modo bastante caracteristico o estado d'alma do povo portuguez em eras mais ou menos remotas. O meu trabalho limitava-se a relacionar, a reunir n'um corpo noticioso,

---

(\*) As gravuras que acompanham o notabilissimo trabalho, cuja publicação encetamos, foram-nos amavelmente cedidas pelo illustre director do *Diario de Noticias*, sr. dr. Alfredo da Cunha, a quem a R. A. dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes deve tributo de reconhecimento não só por este, mas por outros serviços de alta valia, como foi o «Elogio historico do Imperador do Brazil», lido por sua ex.<sup>a</sup> em sessão solemne de 16 de abril de 1893.

o que ha disperso e o muito que ainda se conserva inedito sobre o assumpto. Reconhecendo quanto elle tem de incompleto e de imperfecto, quer sob o ponto de vista historico, quer sob o ponto de vista artistico e archeologico, não o considerava digno de lhe dar cabimento n'uma revista de caracter tecnico e para bem dizer scientifico. Não obstante, feita esta declaração preliminar e esta reserva, não me opponho a que elle seja reproduzido, tendo-se sempre em vista que não aspira a mais do que a ser um mero apontador, um indiculo, um breve guia a quem se abalance a dar á empreza o desenvolvimento que merece e de que é susceptivel.

## I

Se possuíssemos a necessaria competencia para escrever a historia da esculptura portugueza, principiariamos por estabelecer quatro categorias ou grandes divisões: esculptura em pedra, em barro, em madeira e em metal.

A classificação que apresentamos tem alguma coisa de arbitrario, pois bem sabemos que não é na materia prima que deve consistir o caracter fundamental de uma obra de arte. Este depende principalmente, além do genio do artista, do estylo ou escola dominante n'uma dada época, que imprime o mesmo ar de familia nos productos contemporaneos. Benevenuto Cellini era tão inspirado, cinzelando 'o ouro, como cinzelando o marmore. Para citar um exemplo de casa e da actualidade, Teixeira Lopes revela-se o mesmo na estatua em madeira da Rainha Santa e no busto marmoreo de Eça de Queiroz.

A nossa classificação serviria, pois, para facilitar o estudo e mostrar a riqueza existente em cada uma das especialidades. As linhas grandiosas de um quadro geral, preliminarmente traçadas, designariam a marcha evolutiva da esculptura, apresentando, no seu conjuncto harmonioso, as phases mais salientes.

Cada uma d'estas grandes divisões poderia repartir-se em grupos subalternos. Assim a esculptura em pedra forneceria os seguintes grupos, cada um dos quaes daria logar a monographias interessantissimas:

Pias baptismaes e pias de agua benta;  
Cruzeiros;

Pelourinhos ;  
 Chafarizes monumentaes ;  
 Pulpitos ;  
 Retabulos ;  
 Tumulos, etc.

Acerca das pias baptismaes já ficaram lançados os alicerces de uma curiosa monographia na revista *Os Serões*. Seguiremos agora o mesmo processo, inventariando summariamente os cruzeiros mais notaveis do nosso paiz.

As cruzes acham-se profusamente espalhadas por toda a parte do nosso territorio, sem excluir os grandes centros. Em Lisboa e seus arredores ha muitos sitios designados ainda hoje com tal nome : — *Cruz da pedra, Cruz dos quatro caminhos, Cruz das almas, Cruz de pau e Cruz quebrada*.

Byron, que viajou no principio do seculo XIX em Portugal, molejou-nos cruelmente pela abundancia de tantos d'estes monumentos, a maior parte dos quaes commemoravam o crime, o assassinio de algum viandante nos caminhos sertanejos. Elle considerava superstição o que não passava de piedade. Alexandre Herculano, que era um espirito selecto, uma grande alma e uma intelligencia priveligiada, pensava, porém, d'outra maneira, quando apostrophava, cheio de inspiração e de energia :

*Amo-te, oh Cruz, no vertice firmada  
 De esplendidas egrejas ;  
 Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
 Juncto ao cypreste alvejas ;  
 Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
 As preces te rodêam ;  
 Amo-te quando em prestilo festivo  
 As multidões te hastêam ;  
 Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
 No adro do presbyterio . . .*

A maior parte das cruzes, singelissimas, não teem significação historica nem valor artistico, e revelam apenas o caracter devoto do nosso povo. Outras, porém, são ornamentadas, já de labores, já de figuras, de execução mais ou menos aprimorada ;

outras recommendam-se pelos dizeres das suas inscrições. Todas ellas, no seu conjuncto, offerecem vasta materia para o estudo da iconographia, das lendas, dos costumes e crenças populares.

## II

### **Cruzeiro de Arroyos**

Durante mais de tres seculos campeou no largo de Arroyos um padrão historico sob fórma de cruzeiro, commemorando ao mesmo tempo um feito das nossas guerras civis, um acto religioso e um sentimento de piedade.

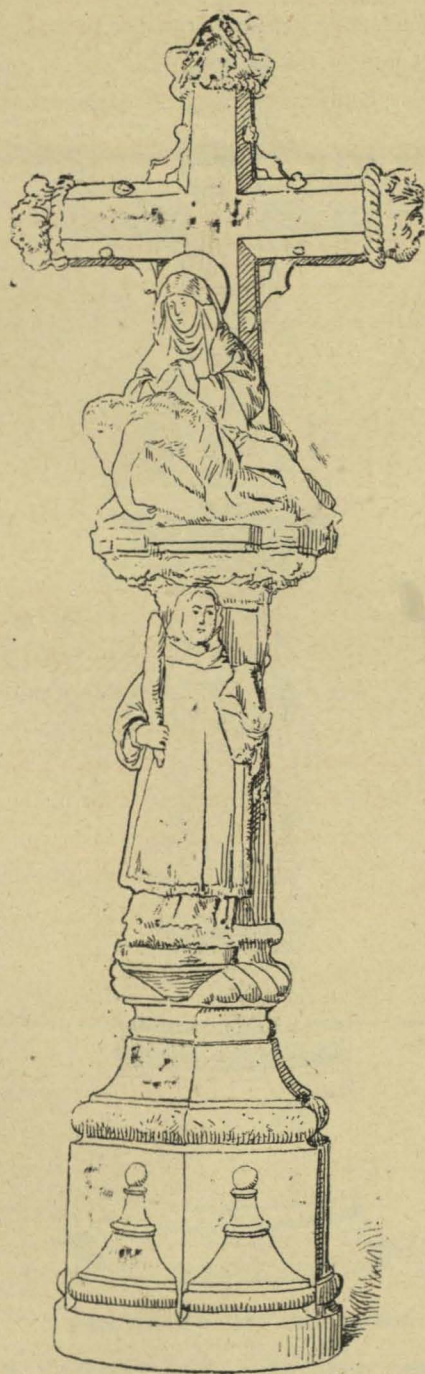
No anno de 1837 o municipio de Lisboa no «louvavel» intuito de desobstruir a capital de tudo que a pejasse, embaraçando o transitio, mandou desfazer este monumento, que era um specimen bastante valioso da esculptura portugueza no primeiro quartel ou metade do seculo XVI. Por este criterio, os futuros municipios de Lisboa mandarão talvez remover, senão todos, a maior parte dos monumentos, que adornam as nossas praças. Felizmente, o vandalismo não chegou a ponto de destruir o padrão de Arroyos, limitando-se a mandal-o remover para a vizinha parochial de S. Jorge, onde se póde contemplar actualmente.

Diz o sr. Visconde de Castilho na sua «Lisboa antiga» (pag. 33, do tomo VI dos «Bairros Orientaes») que a 6 de fevereiro de 1848 é que elle fôra collocado na capella da Senhora da Piedade, junto á sacristia.

Ha annos, fazendo-se algumas reparações no edificio, sob a direcção do já fallecido conductor de obras publicas Liberato Telles, este mandou transferir o padrão para o corpo da igreja, logo em seguida ao guarda-vento, podendo assim ser mais facilmente contemplado pelos devotos e visitantes.

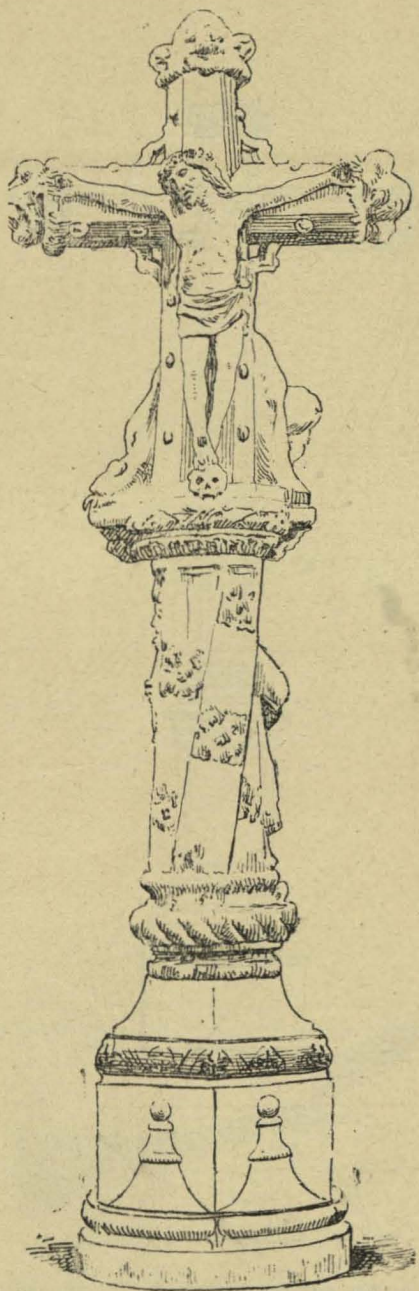
Na ultima invasão franceza, grande numero de habitantes das provincias vieram buscar refugio em Lisboa, onde se estabeleceram diversos acampamentos, destinados ao seu agasalho e sustento.

O Largo de Arroyos foi o scenario de um d'esses episodios lancinantes que o illustre pintor Sequeira perpetuou com o seu lapis e que um discipulo de Bartolozzi, o nosso compatriota Gre-

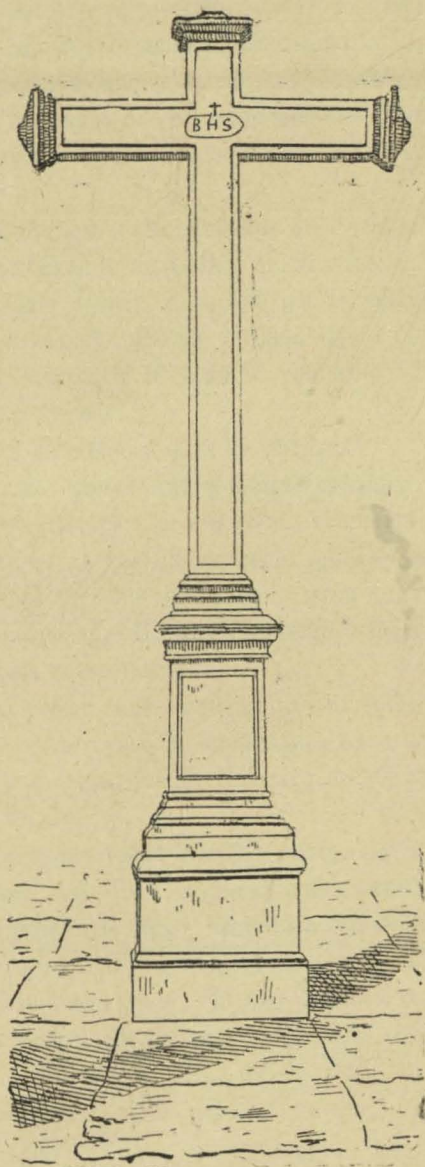


**CRUZEIRO DE ARROYOS**

**O PADRÃO (visto da entrada da igreja)**



**CRUZEIRO DE ARROYOS**  
**O PADRÃO (visto do altar - mór)**



**Cruzeiro que se vê á entrada do adro da igreja  
dos Santos Reis no Campo Grande**

gorio Fernandes de Queiroz, reproduziu n'uma bella e grande gravura que é hoje muito apreciada. Ahi se vê o padrão de Arroyos, tal qual elle era, com o seu competente resguardo.

Quem observe o monumento mal comprehende a sua significação votiva e historica, não havendo nenhum letreiro que esclareça a sua origem e que fixe com exactidão o anno em que foi construido.

Diz Vilhena Barbosa («Monumentos de Portugal» pag. 479 e seguintes) que o Senado de Lisboa quizera assim solemnizar a beatificação de Santa Isabel, alcançada por D. Manuel nos ultimos annos do seu reinado. Parece, porém, que a obra só foi levada a effeito em tempo de D. João III conforme o demonstram as armas e insignias d'este.

Porque seria escolhido o sitio de Arroyos?

Porque fôra ali, accrescenta o mesmo escriptor, sem todavia documentar a sua asserção, que D. Diniz reuniu as suas hostes para ir combater as de seu filho rebelde, que estavam a pouca distancia, proximas do sitio onde hoje se acha um padrão commemorativo das pazes, que D. Izabel conseguiu mais uma vez celebrar entre os dois antagonistas.

Nada d'isto, porém, nem sequer allusivamente, se vê esboçado no padrão de Arroyos. No suppedaneo da cruz está a Virgem, a «Mater Dolorosa», tendo no regaço o cadaver do filho estremecido.

Pela parte inferior d'este grupo a estatua de S. Vicente com as insignias do seu martyrio e os demais emblemas caracteristicos. Por detraz da imagem de Nossa Senhora o escudo da cidade de Lisboa, como a rubricar a procedencia da obra.

No livro já indicado do sr. Vilhena Barbosa vem a estampa do cruzeiro e um trecho da gravura de Queiroz.

### III

#### **Cruzeiro do Campo Grande**

Junto á modesta egreja parochial dos Santos Reis do Campo Grande eleva-se uma singela cruz de pedra que, pela sua vulgaridade, não desperta a maior attenção do transeunte.

Tem todavia na base uma inscripção, em sete linhas, que a valorisa, e que é do teor seguinte :

«Esta crvs mandou fazer Roberto Harres ingres na era de 1646».

As letras a e h do nome Harres são inclusas.

Como se vê, este letreiro não declara as circumstancias em que foi erigida a cruz, que já conta a respeitavel idade de 258 annos.

Não podémos tambem saber que qualidade de homem fôsse este Roberto Harres.

Na chancellaria de D. João IV não se encontra registado o seu nome.

Se lord Byron tivesse visto a cruz do Campo Grande, reconheceria que os seus compatriotas collaboraram tambem com os nossos no devoto costume de erigir cruces nos caminhos publicos.

Em Portugal não são escassos os monumentos religiosos e funebres relativos a inglezes, e valeria a pena fazer o seu recenseamento em memoria descriptiva.

#### IV

### **Cruzeiro do Mato**

A noticia, que adiante segue, foi-nos fornecida pelo sr. Guilherme J. G. Henriques, o diligente e benemerito investigador de tudo que diz respeito á historia de Alemquer e seu concelho.

O cruzeiro que nos descreve é bem simples, mas tem uma particularidade interessantissima a recommendal-o. Foi elle erigido em expiação d'um crime pelo proprio delinquente, que obteve por este meio o perdão da parte. Parece-nos um caso não muito commum e mais um paragrapho a juntar á historia da criminologia e do estado moral da sociedade portugueza.

«No logar e aldeia do Mato da freguezia de S. Miguel de Palhacana, concelho de Alemquer, na parte mais alta da povoação, á beira do caminho que vae d'esta para o ex-convento de S. Jeronymo, ha um cruzeiro de boa pedra, sem lavores, bastante grande, erguido em solida base, em uma das faces da qual se lê :

*Em 15 de janeiro de 1684 anos se fes hũa morte p.<sup>a</sup> que o deliquente podese alcansar perdan da parte se obrigov a fazer esta crvs e se fes no mes de m anno de mil 685 anos. Pede hvm padre noso e hũa ave maria pela sva alma pelo amor de deos a quem lho qvizer rezar.*

A tradição local é que o cruzeiro pertencia ao convento antes da extincção das ordens religiosas».

Transcrevendo esta informação, só nos resta deixar registado aqui o nosso reconhecimento pela amabilidade do seu auctor.

## V

### . **Cruzeiro de Olhalvo**

O costume de erigir cruzeiros, que em certas épocas se converteu em verdadeira monomania, não se extinguiu de todo entre nós, chegando quasi até aos nossos dias, como prova o que existe proximo do logar de Olhalvo, o qual tem apenas 44 annos e foi mandado levantar por um proprietario do sitio para perpetuar a memoria da «missão» que ali se effectuou no anno de 1861. E' pois um modesto padrão historico, de character religioso, mostrando o sentimento devoto de quem o levantou á sua custa.

E' ainda ao sr. Guilherme J. C. Henriques, a quem já nos referimos no artigo anterior, que devemos mais esta communicação.

No concelho de Alemquer, sahindo do logar de Olhalvo para nordeste, aonde o caminho para a Porcariça entronca na estrada que vae para a Labrugeira, ha um cruzeiro que foi mandado fazer por João da Cunha Costa e Silva, já fallecido, benemerito proprietario do logar de Olhalvo, no qual se lêem as seguintes inscripções:

Na face da frente da base :

*Oh! Sagrada Cruz do meu Redemptor,  
Valei-me na minha afflicção,  
Pois sois a unica esperança,  
Da minha feliz salvação.*

P. N. A. M.

*Pela conversão dos peccadores.  
Missão de 1861.*

Na face do norte :

*Bemdicta seja a Sancta  
Immaculada Conceição,  
Da Bemaventurada Virgem Maria.*

Na face de traz :

*Na minha hora final  
Permitti meu Jesus,  
Que abraçado espire  
Com o lenho da Cruz.*

*Mandou fazer esta memoria  
João da Cunha Costa e Silva.*

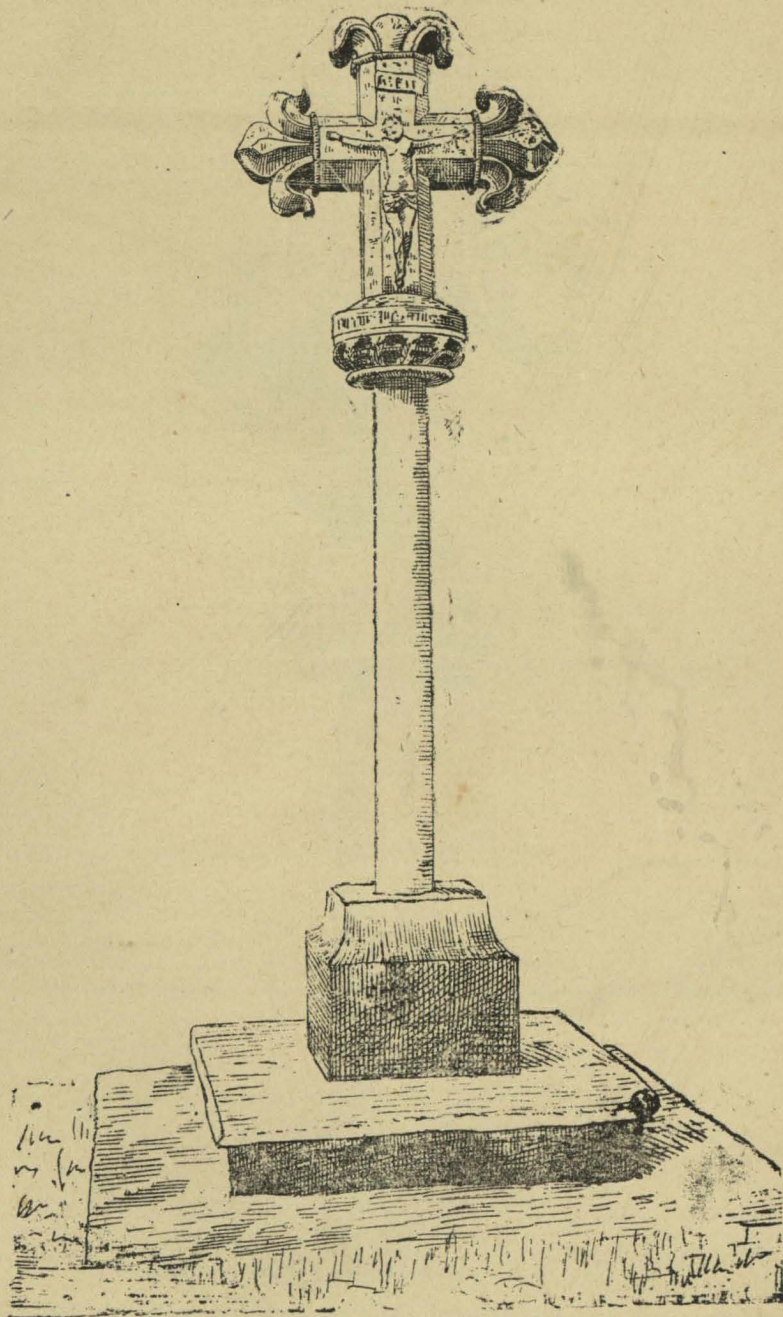
Na face do sul :

*O Maria concebida sem peccado  
Rogai por nós, que recorremos a vós.*

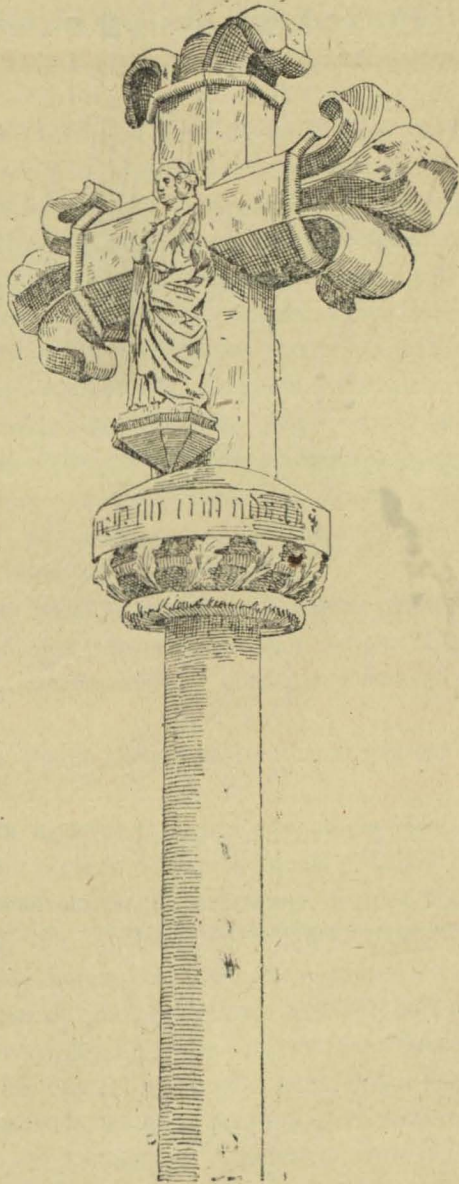
Na haste da cruz :

*Senhor Deus! Misericordia!*

Duas das legendas são em verso, mas o poeta não era grande metrificador. Parecem mais prosa rimada que outra coisa. Estylo do *Rei da Madureza*.



**Cruzeiro das Laranjeiras (Face anterior)**



**Cruzeiro das Laranjeiras** (Face posterior)

## Cruzeiro da Quinta das Laranjeiras

Seguindo a estrada de Bemfica, no extremo da Quinta das Laranjeiras, proximo do chafariz da Convalescença, descortina-se a travez das grades e a pouca distancia d'ellas, um objecto de pedra, que nos parece ter passado até agora indifferente á attenção dos archeologos. No emtanto, pela sua vetustez e pelo seu valor artistico, bem merece que o não votemos a um completo esquecimento e abandono. Data de longas eras, conta mais de quatrocentos annos, pois deve remontar-se indubitavelmente ao seculo XV. Custa a crêr como tenha resistido inabalavel por tanto tempo, quasi intacto, aos abalos de terra, ás intemperies da atmospherá, e aos attentados do vandalismo de toda a especie, que tanta coisa tem derrubado estupidamente. E' todavia, de crêr que tenha soffrido alguns reparos e modificações.

E' elle um cruzeiro, devido, como tantos outros, á piedade de um individuo, que o mandou construir, ou por algum acto expiatorio, ou por simples devoção, obedecendo ao sentimento religioso da época.

O letreiro guarda silencio sobre a causa que motivou semelhante voto.

Uma lenda moderna já se ia formando em redor d'elle, dizendo-se que fôra o conde de Farrobo quem ordenára a sua construcção para commemorar o passamento de uma filha querida, que muito se aprazia de permanecer n'aquella paragem. O estylo da obra protestava, porém, contra semelhante procedencia, e quando restassem algumas duvidas, ahí estava a inscripção para as dissipar.

A nossa convicção é que o monumentosinho estaciona no terreno em que foi erecto, sendo elle quem deu a denominação, ainda hoje conservada, ao logar proximo — «Cruz da pedra». A area da Quinta das Laranjeiras, dilatando-se, absorveu e annexou o terreiro publico, ficando o cruzeiro encravado no recinto d'ella.

Não sabemos como e quando isto se effectuou, e só a historia da propriedade d'aquelle illustre titular, tão celebre nos fastos da opulencia lisboeta, é que nos poderia resolver satisfatoriamente

o problema, confirmando, sem duvida, a nossa hypothese, que nos parece a mais provavel.

O cruzeiro assenta sobre dois degraus com colarete, tendo o primeiro 1<sup>m</sup>, 55 de comprimento e o segundo 1 metro, sendo a altura de cada um 0,<sup>m</sup> 18.

A base da cruz tem de lado 0,<sup>m</sup> 455 e de altura 0<sup>m</sup>, 41 e sobre ella ergue-se uma columna, que tem 1,<sup>m</sup> 255 d'altura.

A cruz é floreada medindo o braço 0,<sup>m</sup> 80.

Na face anterior está a imagem de Christo e na posterior a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus descansando sobre o braço esquerdo. Ambas as imagens tem 0<sup>m</sup>, 40 de altura.

O capitel da columna, sobre o qual se eleva a cruz, é gothico e faz corpo com esta.

A Virgem está de pé sobre uma pequena misula, que assenta no ábaco do capitel.

A inscripção, contornando este, por cima de ornamentação gothica, diz o seguinte em caracteres tambem gothicos :

*pedreanes morador lisboa madou fazer este cruz a hõra d'ds j da uirjm.*

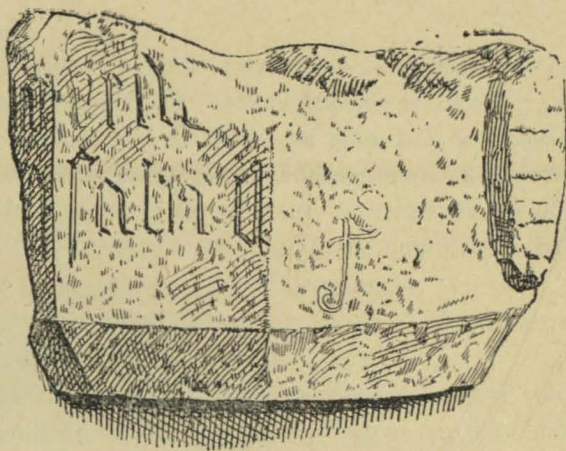
A altura total do cruzeiro, isto é, do terreno ao extremo da cruz, é de 2,<sup>m</sup> 925.

As imagens são de esculptura bastante correcta. A de Christo acha-se decapitada, havendo pessoa de todo o credito que viu ainda a cabeça no seu logar ha pouco mais de um mez. Procurou-se agora, mas não se encontrou, ignorando-se quem praticou o desacato e com que fim. Pobre Christo ! No Calvario não soffreste tanto martyrio !

Foste crucificado; pozeram-te a corõa de espinhos, alancearam-te o peito, mas não te mutilaram como aqui ! A perna esquerda tambem se acha ha muito concertada com gesso.

Os degraus e a base são de pedra lioz ; o fuste da columna é de marmore branco, acaso de Carrara. O capitel, a cruz, as imagens e a misula, de calcareo macio, talvez pedra de Ançã.

Estes interessantes apontamentos descriptivos, foram-nos liberalmente offerecidos pelo illustrado conductor de obras publicas o sr. A. C. Mena, que tambem se consagra com enthu-



**Capitel da columna oitavado**

PAG. 108



**Torso do Calvario do Alcance**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 3 — PAG. 107

siasmo e afincou ao estudo da archeologia artistica e que, no dia 5 de dezembro, examinou minuciosamente a cruz.

A inscripção foi decalcada em gesso pelo sr. Antonio Felix Mauricio, que a planificou, tendo n'este estado o comprimento de 1<sup>m</sup>, 11. Interpretou-a, em presença d'este decalco, o sr. Gabriel Pereira. O artista que a esculpiu parece que não era grande conhecedor da lingua, sendo talvez estrangeiro.

As photographias foram tiradas pelo habil photographo sr. Carlos Augusto Sampaio.

Pedro Eanes era um nome vulgarissimo e, sem outro appellido, será muito difficil, quando não impossivel, discriminar a sua individualidade. Muito provavelmente, era abastado burguez lisboeta.

Se elle viesse outra vez ao mundo e o transportassem a Bemfica, em electrico, em caminho de ferro ou em automovel, como não ficaria estonteado e como não mandaria erguer outra cruz, bem mais alta, a topetar com as nuvens, a vêr se assim exorcismava as estupendas diabruras do progresso!

## VII

### Cruzeiros de Evora

Informa-nos o sr. A. F. Barata, erudito e fecundo escriptor, que em Evora não ha cruceiro digno de especial menção. No Museu Archeologico d'aquella cidade conservam-se, porém, tres monumentos d'esta ordem, bastante importantes, posto que já não se encontrem intactos na sua fórma primitiva. Veem descriptos no respectivo *Catalogo*, redigido pelo mesmo sr. Barata e publicado em 1903, pela seguinte fórma :

«N.º 17 — Torso do Calvario do Alcance, existente ainda na Tapada da Baloa, junto de Mourão. Representa, muito mutilada, a Virgem com o Filho morto nos braços, tendo na parte inferior esta inscripção, damnificada, em gothico mixto:

*Esta cruz man/dou fazer Dº de Med.º /alcaide desta vila/  
de Mourã filho de / Afonso Furtado de Med.º*

Esta capella de Santa Maria do Alcance, ou de Santa Maria de Evora do Alcance, é attribuida a D. Nuno Alvares Pereira,

que a mandára erguer em memoria de ter ali alcançado e vencido aos castelhanos, em cujo encalço ia desde Evora. Não mencionam os livros da nossa historia este combate, perto de Mourão; mas, não repugaa que seja fundação do Condestavel, que muitos templos fez construir a expensas proprias, ou, quando não d'elle, do proprio alcaide da villa, Diogo de Mendonça, ou Mendoça, que lhe mandára fazer o cruzeiro. Este Mendoça, ou Mendonça, foi um fidalgo muito querido de D. João II, que no anno de 1487 o nomeou alcaide de Mourão, dignidade que andou na sua familia até D. João IV, quando menos.

Foi elle o avô de D. Eugenia, mulher do segundo Marquez de Ferreira.

Foi offerecido ao Museu pelo sr. dr. Caetano Xavier de Almeida da Camara Manuel.»

«N.º 34 — Cruzeiro antigo da Sé de Evora, que se conservava embebido na frontaria d'ella, onde foi mutilado para o nivelarem com a parede, que rebocaram!

Sobre a cruz ainda se lê em gothico-monachal:

IHS: NS: REX: IVDEORVM

Escaparam ao picão dois thuribulos, que dois anjos, dos mutilados, sustentam.

Foi depositado no Museu pelo Cabido da Sé de Evora.»

«N.º 244 — Capitel de columna oitavado, ou base de cruz sobre ella, mutilado de tres faces e da parte superior de todas, em que se lê em gothico quadrado o bastante para se recompor.

Suggere o appellido Figueiredo a idéa de que a inscripção fôsse, *mutatis mutandis*, esta:

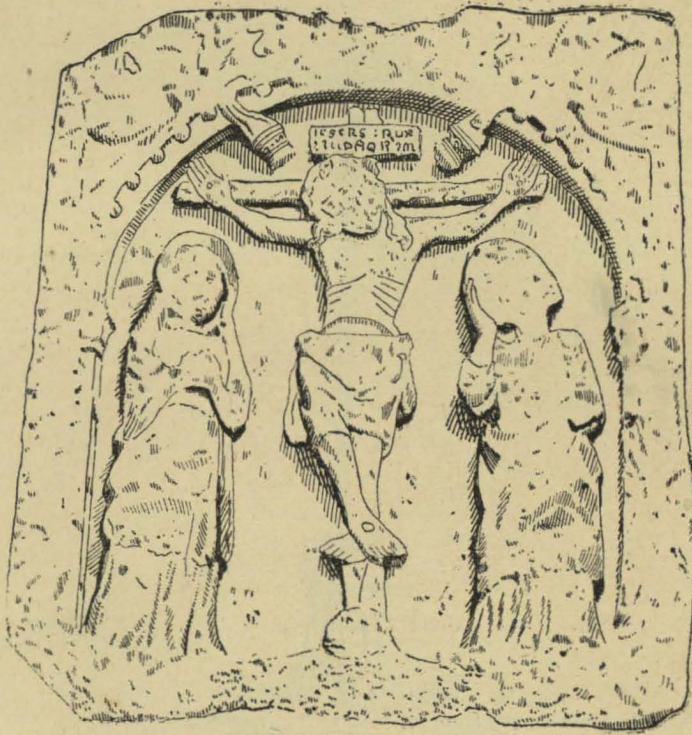
*Esta cruz mandou fazer Gomes / de Figueiredo, escudeiro, recebedor / da rainha Dona Isabel.*

Onde estaria, porém, em Evora, esta cruz ou cruzeiro? (Vidé o n.º 17).

Oppõe-se, porém, á conjectura o brasão de armas de familia em que, alternando com cinco folhas de figueira, ha quatro fexas, das Silveiras (e de outros), appellido que nem é d'elle. nem da mulher, D. Leonor de Mello.

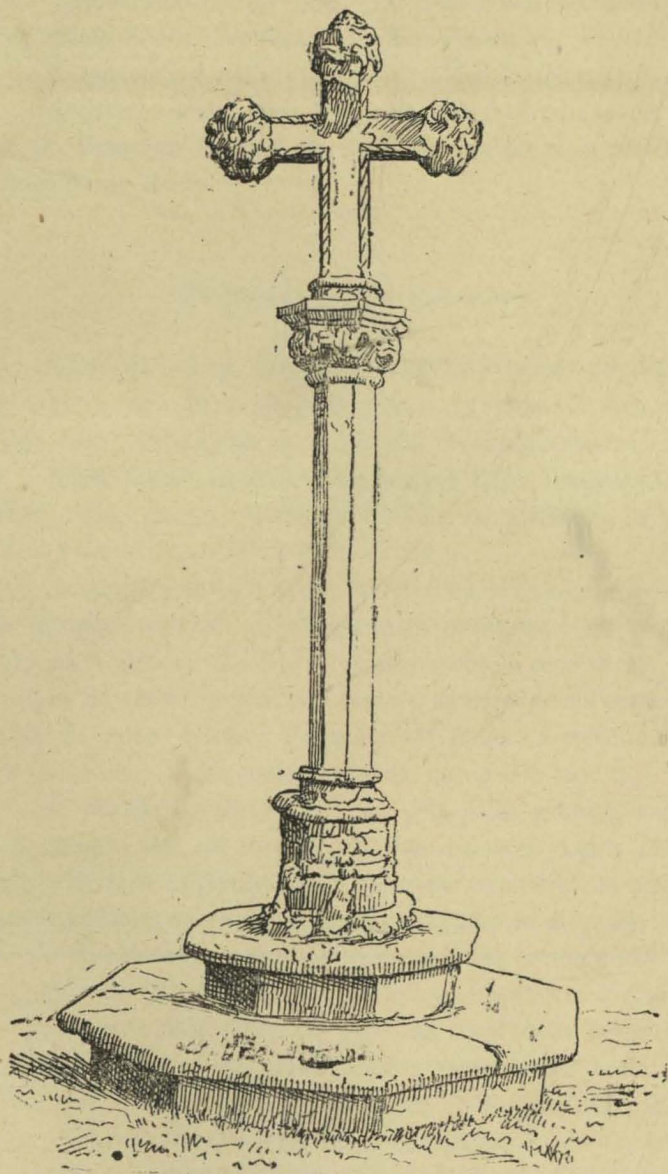
Foi Gomes de Figueiredo camareiro-mór de D. Affonso V, e depois veador da casa do filho legitimo de D. João II.

Com a moradia de 1:000 reaes o encontramos em 1475 e



**Cruzeiro antigo da Sé de Evora**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 3 — PAG. 108



**Cruzeiro de Loures**

com a mesma em 1479, sendo armador-mór de D. João II, que o fez cavalleiro-fidalgo em 1484. (Cf. *Historia Genealogica* e sr. Braamcamp Freire, *Sepulturas do Espinheiro*.)

Respeitando a outro Figueiredo, difficil é determiná-lo.

Appareceu n'uma casa terrea da Rua do Fradique, em que o sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona traz obras, e por elle foi offerecido ao Museu.

## VIII

### **Cruzeiro de Loures**

Ainda ha pouco, Loures ficava a duas leguas de distancia de Lisboa, mas hoje, alargada consideravelmente a area da cidade, está a dois passos da nova linha de circumvalação.

A sua igreja dizem ter sido fundada pelos Templarios, passando depois para a Ordem de Christo. Da edificação primitiva talvez nada reste a não ser os alicerces.

A igreja actual foi muito provavelmente reconstruida depois do terremoto de 1755. E' ampla, de tres naves, em arcaria de volta redonda. A porta lateral é de estylo manuelino. A capella-mór, muito digna de vêr-se, tem o pavimento e as paredes até ao meio forradas de bello mosaico florentino. O pulpito é constituido por um monolitho, assim como a escada que a elle conduz.

A entrada da porta principal, pela parte externa, veem-se duas campas sem inscripção, mas que denotam grande antiguidade. Ao lado esquerdo fica o adro ou cemiterio, no meio do qual se levanta, sobre dois degraus oitavados, o elegante cruzeiro, de cruz floreada, que é um bello trabalho, embora não apresente nenhum emblema ou imagem. Parece remontar ao seculo XV.

Loures é uma freguezia populosa, com boas propriedades agricolas e quintas de recreio. Entre estas avulla a do «Correio-mór», que pertenceu ao marquez de Penafiel. O palacio é uma residencia verdadeiramente principesca. A ampla cosinha é forrada de azulejos interessantissimos, representando assumptos culinarios.

Ha coisa de meio seculo Loures era afamada pelos seus frondosos pomares de laranja, que se exportava em abundancia; não só para o paiz, mas para o estrangeiro. A molestia,

porém, extinguiu quasi por completo esta cultura, da qual ainda alguém se recorda saudosamente.

Mendes Leal (José da Silva), o poeta e dramaturgo, que tanto se evidenciou nas letras como na politica, algumas vezes na sua mocidade conviveu por estes sitios com as musas, sendo uma das suas composições, «Suspiros de abril», datada da seguinte fórma: Santa Maria de Loures, 184. . . Quando recopilou os seus «Canticos», publicados em 1858, com dedicatória a D. Fernando, o poeta parece que havia já esquecido o anno exacto em que fizera os versos. N'aquella época, se não estamos em erro, o reitor que pastoreava a freguezia, era seu tio.

De ha muito que outro irmão do illustre escriptor costuma passar a maior parte do anno numa casa proximo da igreja. As suas cartas assigna-as elle de um modo original e sympathico, como quem se preza da sua velhice. «Joaquim José da Silva Mendes Leal, octogenario».

Deus prolongue os dias d'este velhinho!

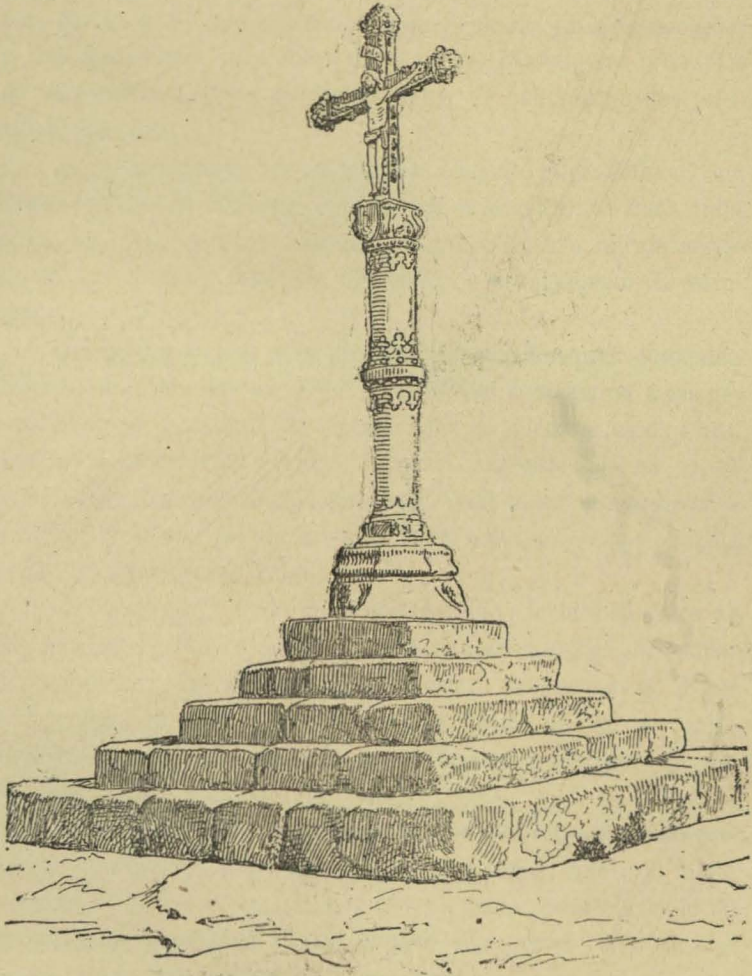
## IX

### **Cruzeiro de Leça do Balio**

Sahindo do Porto, pela estrada de Braga, logo adeante de S. Mamede da Infesta, descobre-se no fundo de um valle amenissimo, serpeado pelas aguas remansosas do Leça, um rio idyllico, a magestosa igreja do extincto convento de Santa Maria de Leça.

Com as suas frontarias de granito coroadas de ameias, com a sua fortissima torre quadrangular, dir-se-hia estarmos mais deante d'um castello medieval do que em frente de uma igreja. E' certo, porém, que os monges que habitavam esse recinto sagrado eram ao mesmo tempo legionarios de uma ordem militar. Leça do Balio apparece á nossa imaginação como um paladino petrificado, como um cavalleiro de Malta, que espera as vozes de commando para partir em defesa dos logares ameaçados pelos inimigos da fé.

A historia d'aquella casa conventual é anterior aos primor-



**Cruzeiro de Leça do Balio**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 3 — PAG. 110

dios da nossa monarchia, parecendo estar já fundada nos primeiros annos do seculo X, ahi por novecentos e tanto. A sua origem modesta quasi se póde dizer mesquinha.

A principio foi convento beneditino, de character mixto, isto é, de monges e de freiras. O seu orago era o Salvador, mas depois passou a ter por padroeira Nossa Senhora, já da Encarnação, já da Assumpção. Da ordem de S. Bento passou, nos principios da monarchia, para a ordem de Malta, de que foi um dos principaes baliados.

A igreja actual, em singelo mas elegante estylo gothico, com o seu aspecto de fortaleza, parece ser a terceira. As duas anteriores, com muito menor duração do que esta, não ruíram certamente por velhice, mas pela debilidade e acanhamento da estrutura.

Foi edificada pelo prior D. Frei Estevão Vasques Pimentel, fallecido a 14 de maio de 1336, o qual bem demonstrou a sua generosidade e grandeza de animo, não só na robustez da obra, mas na maneira como dotou o convento. Jaz sepultado na capella, denominada vulgarmente do *ferro*, onde ainda se conserva a sua lapide sepulchral de bronze, tendo inscripto o seu epitaphio apologetico em versos latinos.

O magestoso, ainda que rude templo, concluiu-se antes de 8 de maio de 1336 e persiste na feição caracteristica da época, externamente pelo menos. O seu interior, de tres naves, é que soffreu algumas modificações. Frei João Coelho ali deixou, como veremos, bastantes vestigios da sua passagem no primeiro quartel do seculo XVI.

Na estrada do Porto a Braga, a uns sete kilometros da primeira, ha um sitio chamado da *Ponte da pedra*, que era muito concorrido antes do caminho de ferro, sendo ponto obrigado de descanso ás diligencias, carros de bois, almocreves, recoveiros e outros viandantes. Havia ali uma hospedaria, ou antes estalagem, onde muitas familias do Porto vinham, em passeio recreativo, tomar as suas refeições, quando não merendavam no campo, sobre a relva, á sombra dos pinheiraes.

A' esquerda d'este sitio abre-se um caminho, que vae troncar com outro, extenso e largo terreiro, que nos conduz á igreja de Leça. No começo d'esta via, alameda ou souto, outr'ora

assombreada de velhas arvores, levanta-se um cruzeiro, de pedra de Ançã, que é uma boa peça de esculptura, e que se acha razoavelmente conservado, não obstante a sua materia prima não ser das mais resistentes á acção corrosiva da atmosphera.

Este monumento foi mandado erigir por Frei João Coelho, segundo attesta a seguinte inscripção, que se acha gravada em caracteres gothicos, em volta do nó da cruz:

*O Prior do Crato dõ frey Johã coelio o mandou fazer na era de mil VcXIII.*

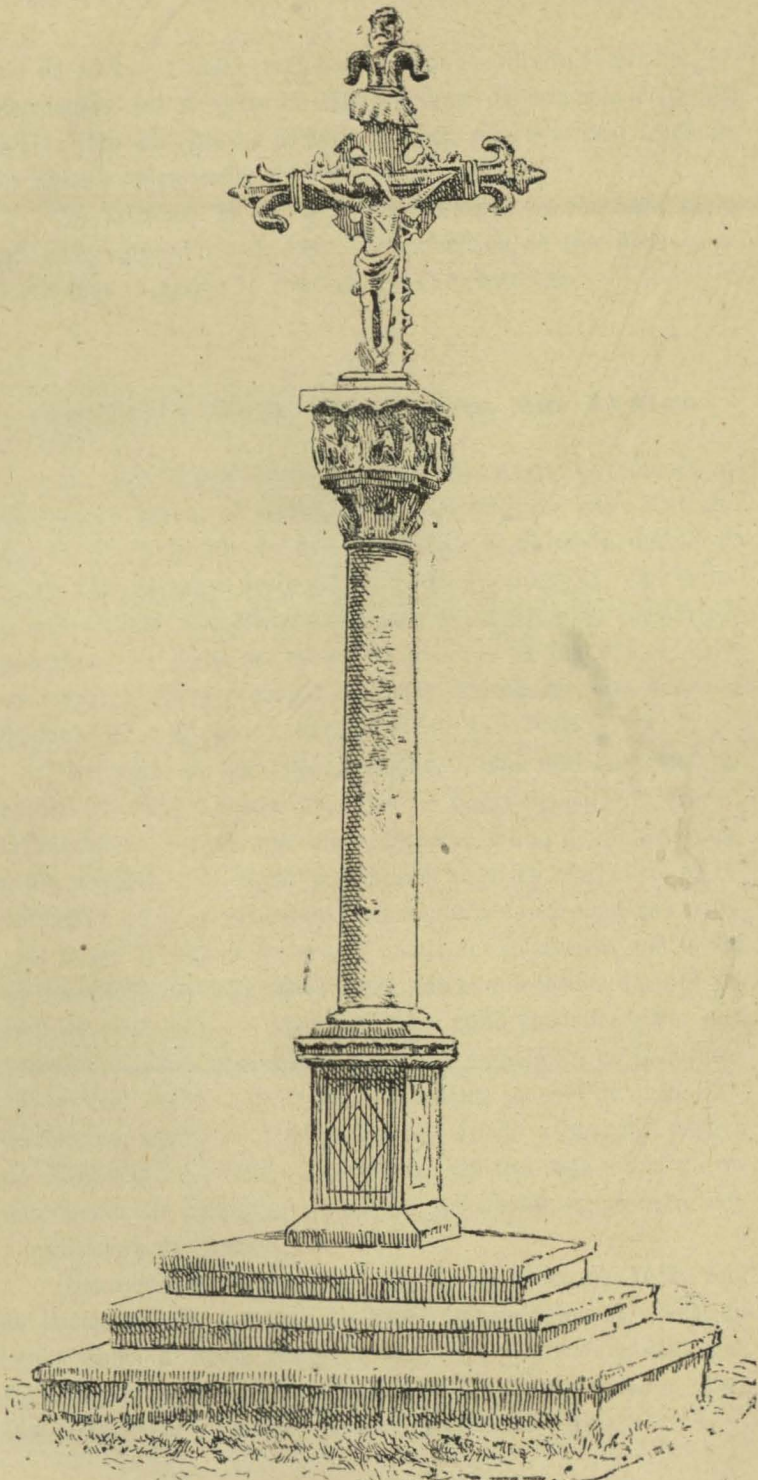
No rotulo da cruz ha outro letreiro, no mesmo estylo, mas em caracteres minusculos. De um lado do cruzeiro está a imagem de Christo, tendo na parte inferior o escudo de armas de Frei João Coelho. Na face posterior, na ligação dos braços, a cruz de Malta.

D. Frei João Coelho mandou tambem fazer a formosissima pia baptismal, a pia da agua benta e o seu proprio tumulo, que tem, felizmente, o nome do artista que o executou — *Diogo Pires, o moço.*

Este Diogo Pires era muito provavelmente filho de outro seu homonymo, cognominado o *Velho*, a quem D. Affonso V fez mercê de um moio de trigo em 18 de janeiro de 1473, tendo-lhe tambem encommendado a imagem de uma Nossa Senhora para o convento da Conceição de Leça da Palmeira, em cuja parochial se venera hoje aquella imagem. Os Pires eram de Coimbra, onde a esculptura floresceu muito, tendo escolas successivas nos seculos XV e XVI.

Antonio do Carmo Velho de Barbosa, que foi abbade de Leça do Balio, publicou em 1852, no Porto, n'um volume in 4.º uma interessante e erudita memoria, historica e descriptiva, da igreja que pastoreou. Acha-se adornada de cinco estampas lithographadas, uma das quaes representa o cruzeiro.

Vilhena Barbosa consagra ao assumpto um dos capitulos ou monographias dos seus *Monumentos de Portugal*. A proposito do cruzeiro diz o seguinte: «Em frente da igreja, a pouca distan-



**Cruzeiro de S. Domingos, em Aveiro**

cia da porta principal, ergue-se um bonito cruzeiro de granito, ornamentado com as galas do estylo gothico do principio do seculo XVI». Em tão breves palavras não são poucas as inadvertencias do illustre vulgarizador da archeologia nacional.

No fasciculo 24 da *Arte e a Natureza em Portugal*, sahiu um artigo descriptivo de Leça, acompanhado de tres bellas pho-tographias: a igreja, o cruzeiro e a pia de baptismo.

## X

**Cruzeiro de S. Domingos, em Aveiro**

A Ordem de S. Domingos teve duas casas conventuaes na villa, hoje cidade, de Aveiro: uma para homens, outra para mulheres. Do convento de frades, fundado no primeiro quartel do seculo XV, já pouco resta de pé, a não ser a igreja, cuja fachada, de granito, não offerece os menores vestigios da construcção primitiva, que devia ser em estylo gothico. Reedificada em 1719, apresenta na porta principal columnas salomonicas, á semelhança do que se vê na igreja do extincto convento de S. Francisco, no Porto.

A igreja, de que vimos tratando, é hoje uma das duas parochias da cidade, sob a invocação de Nossa Senhora da Gloria. O interior do templo, que ainda conserva muito das antigas eras, é um pequeno, mas importante museu historico e artistico. As recordações gloriosas abundam, e perante a nossa phantasia parecem surgir as figuras heroicas e gentis dos guerreiros que foram ás conquistas ultramarinas e das damas que brilharam nos sa-raus da côrte. Quereis prestar o vosso culto patriotico a um dos valentes capitães que fizeram parte das expedições ás Canarias? Lá tendes, sobre o seu tumulo, a estatua jacente de João d'Albuquerque, senhor de Angeja. Quereis evocar a imagem poetica de Nathercia? Lá tendes o sepulchro, em brincado estylo do renascimento, de Catharina de Atayde, que alguns suppõem ter sido a inspiradora de Camões.

Um retabulo, finamente esculpido em pedra de Ançã, com as iniciaes F. D. e a data de 1559, representando a visita de Santa Isabel a Nossa Senhora; um bello triptyco pintado, com moldura de pedra; rica obra de talha, além de outros objectos, constituem o recheio artistico da referida igreja.

Em frente d'ella erige-se graciosamente um bem trabalhado cruzeiro de pedra que contrasta singularmente com o estylo da fachada, tendo sido construido nos fins do seculo XV ou nos principios do seculo XVI.

Num artigo do sr. Marques Gomes, publicado no fasciculo 46 da *Arte e a Natureza em Portugal*, vem descripto da seguinte fórma :

«E' um bello exemplar d'essas lindas cruces que se encontram pelo nosso paiz em fóra e de que Ferdinand Denis fala com merecido enthusiasmo; simples o pedestal e o fuste da columna, brincado e rico o capitel e a cruz. Aquelle, hexagono, com os angulos geminados, é historiado por todos os lados; na parte superior, baixos relevos representando os mais tocantes episodios da paixão do Redemptor e na inferior os symbolos dos evangelistas. A cruz tem a haste e os braços terminados em flor de liz e guarnecidos de rendilhados.

Do lado da frente pende a imagem de Christo, com os pés já sobrepostos, com nimbo mas sem corôa de espinhos. Puro estylo gothico.»

A proposito do retabulo de pedra, a que acima nos referimos de passagem, diz o sr. Marques Gomes que pôde ser attribuido a Francisco Damzinbo, mestre de pedraria no tempo de D. Manuel. Ora os documentos relativos a este artista, e de que temos noticia, não vão além de 1515, parecendo-nos, por conseguinte, muito arriscado consideral-o vivo tantos annos depois, em 1559, e trabalhando numa especialidade que, suppômos, não era a sua, embora n'aquelle tempo, architectos e esculptores fôsem muitas vezes officiaes do mesmo officio.

E' curioso que as iniciaes F. D., e com a data de 1534, se encontram na portada de alguns livros, como nas «Constituições do bispado Devora» e na «Ley, que dispõe quanto tempo e onde hão de estudar os letrados».

Seriam o gravador e o esculptor a mesma e unica pessoa ?

## XI

### **Cruzeiro da Figueira da Foz**

As tres successivas invasões napoleonicas, sobretudo as duas ultimas, lançaram o panico e a desordem no nosso paiz, trazendo

comsigo todos os horrores da guerra — o morticínio, o roubo, o incendio, a violabilidade do lar e da familia, a fome e a peste.

A gente das aldeias abandonava em massa os seus campos e casebres, acolhendo-se ás cidades e villas mais populosas, onde suppunha encontrar mais alguma segurança e mais alguns recursos. A estampa de Sequeira, a que já tivemos occasião de alludir, representa-nos alguns bandos d'esses foragidos, que buscaram hospitalidade em Lisboa, acampando no sitio de Arroyos, onde lhes era distribuida a sopa economica.

A Figueira, que era então uma villa, apesar de ser menos ampla e abastada do que é hoje, tambem foi invadida por milhares de camponeses, não só dos arredores, mas até de longas distancias, que vinham fugindo ás hostes de Massena que entraram em Portugal em 1810.

A aglomeração de tanto povo, que não tinha casas onde hospedar-se e que luctava com falta de meios, deu causa a moléstias contagiosas, que em poucos mezes victimaram cêrca de cinco mil pessoas.

Os cadaveres d'esses infelizes foram quasi todos soterrados n'um campo junto á estrada que da cidade conduz á fonte da Varzea. Em 1812 erigiu-se, em frente do terreno que serviu de cemiterio, um alto cruzeiro de pedra, simples e sem lavor, actualmente vedado por uma grade de ferro, em cujo pedestal foi gravada a seguinte inscripção:

*Anno MDCCCX  
magna parte Lusitaniae  
praepotenti ac formidando  
gallorum exercitu  
occupata,  
cunctisque gentibus  
non modo e vicina, sed etiam  
e longinquo,  
ut maximas belli calamitates  
fugiendo vitarent,  
hoc in oppidum tumultuose  
festinantibus,*

*nullumque, aut certe exiguum vitæ subsidium  
 secum afferentibus,  
 dira in advenas dominata est fames.  
 Inde vero exorta contagione,  
 supra quinque milla mensibus januario,  
 februario martioque  
 anni insequentis,  
 extincta sunt.*

*Quorum plerique, jubente regio magistratu,  
 que, allis quoque opitulantibus,  
 alimenta, quamdiu potuit,  
 quam plurimis præbuit  
 hic tandem, aut non longe  
 sunt sepulti.*

*Incertos casus, adversos que treme  
 qui leges :  
 immo vero Domini judicia  
 super filios hominum,  
 recta illa quidem,  
 sæpe terribilia  
 mortalibus numquam scrutanda  
 reveretor.*

A paginas 215 e 216 da 1.ª parte da «Collecção de Elementos para a historia do concelho da Figueira», do sr. Pedro Fernandes Thomaz, vem a descripção do monumento com a narrativa dos factos, que lhe deram origem.

Antes d'isto, em 1868, já o nosso particular amigo A. M. Simões de Castro, de Coimbra, tinha dado uma noticia referente ao mesmo objecto, no *Archivo Pittoresco*, vol. II, pag. 390.

E' para estranhar que a inscripção fôsse pomposamente escripta em latim, quando algumas singelas palavras em portuguez, mais adequadas ao assumpto, traduziriam mais sincera e sentidamente aquelle dolorosissimo successo.

(Continua)

Sousa Viterbo.

REAL ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

---

ACTA N.º 3

Sessão da Assembléa geral em 26 de Outubro de 1904

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.  
Secretarios, Ascensão Valdez e o Sr. Mena Junior.

Abertura ás 9 horas da noite, estando presentes os seguintes socios: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Conselheiro Adolpho Loureiro, Dr. Camara Manoel, Dr. José Leite de Vasconcellos, Manoel Joaquim de Campos, Dr. Arthur Lamas, Ernesto da Silva, Sebastião da Silva Leal, José Alexandre Soares, Visconde da Torre da Murta, Abel Botelho, Francisco Soares O'Sulivand, Gabriel Pereira, Jesuino Ganhado, e o socio correspondente Moysés Carmo.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior em 1 de agosto de 1904.

Correspondencia :

Dos socios srs. Conselheiro Monsenhor Conego Pereira Botto, Rocha Dias e Rodrigues Fernandes, pedindo desculpa de não poderem comparecer á sessão.

Officio do socio Monsenhor Elviro dos Santos, participando ter sido conjunctamente com o socio Sr. Conde de Sabugosa recebido por S. M. a Rainha Senhora D. Maria Amelia no Paço de

Cascaes, como membros da commissão incumbida pela Assembléa Geral na sessão de 1 de agosto ultimo de pedir o alto valimento de S. M. para promovêr as obras a executar para restaurar o frontão da igreja da Conceição Velha.

Officio - convite da Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria para esta Real Associação se fazer representar na sessão solemne do 50.<sup>o</sup> anniversario d'aquella Associação.

Antes da ordem da noite o sr. Dr. Leite de Vasconcellos pediu, como socio effectivo, que lhe fosse facultada permissão para mandar extrahir copias em gesso das inscripções e estatuas romanas existentes no nosso Museu.

Foi lida a acta da sessão do Conselho Facultativo onde já tinha sido apresentado o pedido pelo socio sr. Manoel Joaquim de Campos, mas que o Conselho deliberara não resolver por entender não ser da sua attribuição.

O sr. Jesuino Ganhado declara encontrar difficuldade na concessão, se ella se estender a todos os objectos expostos no Museu, porque era privar a Associação do exclusivo de alguns objectos, e prejudicar a receita proveniente dos visitantes.

Respondeu o sr. Dr. Leite que o seu pedido é só referente aos monumentos prehistoricos e romanos, e que da reproducção resultam grandes vantagens para o perfeito estudo d'esses monumentos, e conveniencia para com essas provas se adquirirem outras dos diversos museus.

O sr. Ganhado, accéitando as explicações dadas, acha conveniencia na concessão, mas com restricção dos objectos expostos pelos particulares; pois que só esses como seus legitimos proprietarios é que poderão conceder a devida licença para a sua reproducção, e pede ao sr. Dr. Leite que se lembre do Museu da Associação, mandando algumas reproducções de monumentos não existentes n'este Museu.

O sr. Ernesto da Silva manifestou o seu voto por igual fórma.

O sr. Presidente declarou que punha á votação o pedido em duas partes, sendo: a primeira, a concessão para os objectos

prehistoricos e romanos, propriedade da Associação; a segunda, o pedir auctorisacão aos proprietarios dos outros objectos.

O sr. Silva Leal propõe que a votacão seja nominal, o que é approved; e passando-se á votacão das duas propostas foram ambas approvedas por maioria.

Ainda antes da Ordem da noite, eleicão dos corpos gerentes, foi dada a palavra ao socio effectivo sr. Arthur Lamas, o qual, declarando ser a primeira sessão a que assistia, agradeceu a sua eleicão.

O sr. Visconde da Torre da Murta propõe que se lance na acta um voto de muito sentimento pelo fallecimento do nosso prestimoso consocio o digno par do reino, Francisco Simões Margiochi, o que foi unanimemente approvedo.

Passando-se á Ordem da noite, o sr. presidente ia declarar interrompida a sessão para os socios presentes confeccionarem as suas listas. Antes, porém, o sr. Soares O'Sulivand propõe que sejam reeleitos por acclamação a Mesa e Corpos gerentes que funcionam.

O sr. Silva Leal manifestou-se contra a reeleicão por tal fórma.

Posta á votacão, foi approveda a proposta do sr. O'Sulivand menos o voto do sr. Silva Leal, ficando reeleitos a Mesa e Corpos gerentes que hão de funcionar no futuro anno.

Servindo de secretario

*J. J. d'Ascensão Valdez*

#### ACTA N.º 6

Sessão de assembléa geral em 18 de novembro de 1904.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.  
Secretarios, Rocha Dias e o sr. Francisco Carlos Parente.  
Abertura ás 8 horas da noite

Estiveram presentes, alem da meza, os srs. João V. Mendes Guerreiro, Sebastião da Silva Leal, José Queiroz, Mousenhor Elviro dos Santos, Antonio Felix da Costa, P. W. de Brito Aranha, Ernesto da Silva, Jesuino Arthur Ganhado, Casimiro de Sousa Me-

nezes, Adães Bermudes, visconde de Mira Vouga, Francisco Soares O'Sulivand, Abel Botelho, José Alexandre Soares, Arthur Lamas e Antonio Cesar Mena Junior.

Procedeu-se á leitura da acta da sessão de 26 de outubro ultimo.

Usaram da palavra os srs. Sebastião da Silva Leal e Jesuino Arthur Ganhado, suscitando algumas duvidas sobre a redacção d'aquelle documento na parte respectiva ao pedido feito pelo sr. dr. José Leite de Vasconcellos; dando-se afinal por satisfeitos com a resolução unanime da assembléa para que na presente acta ficasse consignado que a da sessão anterior fôra approvada com as seguintes acclarações: 1.<sup>a</sup>, que os objectos de que o sr. dr. Leite de Vasconcellos deseja mandar tirar copia em gesso, são destinados ao Museu Ethnologico Portuguez; 2.<sup>a</sup> que só em presença de um documento assignado pelo mesmo sr. Vasconcellos, no qual declare especificadamente quaes os objectos que pretende copiar, é que poderá auctorisar-se definitivamente essa copia.

Foram lidos os seguintes officios:

Do socio correspondente, rev. conego Manuel Bernardo Cardoso Botelho Furtado, reitor do seminario patriarchal em Santarem, offerecendo os seus serviços em harmonia com as funcções do seu novo cargo;

Da Camara Municipal do Porto, enviando duas photographias, uma de parte do extincto convento das Carmelitas, e outra de diversos predios do Campo dos Martyres da Patria, que vão ser demolidos, para a abertura d'uma das ruas lateraes do edificio da Academia Polytechnica:

Do inspector dos monumentos militares da grande circumscripção militar do sul, sr. general Pedro d'Alcantara Gomes, «a agradecer a maneira por que esta associação apreciou o seu procedimento, fazendo restaurar o monumento commemorativo da intervenção pacífica da rainha Santa Isabel entre D. Diniz e D. Affonso, existente na rua do Arco do Cego»;

Do architecto sr. Leonel Gaia, agradecendo o voto de louvor que a assemblea geral lhe conferiu em sessão de 1 d'agosto;

Da Direcção do Mealheiro das Viúvas e Orphãos dos Operarios, enviando o relatorio da gerencia em 1903 e solicitando o auxilio da associação;

Do sr. I. Scherrer, de Zurich, offerecendo um manuscripto em allemão o intitulado: «Os trabalhos numismaticos de Julius Meili, Esboço biographico;

Do sr. José Pinto da Silva Ventura, socio correspondente, fazendo commentarios sobre o estado em que encontrou varios monumentos na sua recente digressão por algumas povoações importantes da provincia do Minho;

Do sr. F. Tavares Proença Junior, dando noticia de uma inscripção romana tumular encontrada proximo de Montemor-o-Velho.

Do sr. Manuel Joaquim de Campos, offerecendo em nome do sr. Julius Meili, um exemplar da «Moeda Fiduciaria do Brazil», magnifico trabalho que este distincto socio correspondente acaba de publicar;

Da Camara Municipal de Lisboa, declarando não poder satisfazer o pedido d'esta associação quanto a photographias das construcções já demolidas, porque não existem na mesma camara os respectivos duplicados e promettendo fornecer um exemplar de cada uma das que de futuro forem tiradas, para o que estão dadas instrucções á competente repartição municipal;

Do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, remellendo um exemplar das condições do concurso de projectos, aberto pela commissão das festas jubilaires da Immaculada Conceição, para a construcção de um novo templo, e pedindo que, em harmonia com aquellas condições, seja nomeado por esta associação um dos vogaes que devem fazer parte do jury para a classificção dos alludidos projectos, os quaes serão expostos nas salas da Academia Real de Bellas Artes;

Do sr. Luiz Tedeschi Corrêa Neves, agradecendo em nome de sua avó, mãe e irmãs, os sentimentos que a associação lhes endereçou pelo fallecimento do benemerito socio o professor José Tedeschi;

Dos srs. Visconde da Torre da Murta e Rodrigues Fernandes, pedindo desculpa de faltarem á sessão.

O secretario Rocha Dias propoz que a associação concedesse o subsidio annual de 2\$500 réis ao Mealheiro das viuvras e orphãos dos operarios que morrerem de desastre no trabalho. Acerca d'esta proposta fizeram breves reflexões, dando-lhe o seu apoio,

os srs. Jesuino Ganhado e Adães Bermudes, que, em additamento, propoz, e foi approvedo, se consignasse que era concedido este subsidio em quanto a assemblea não deliberasse o contrario.

Sob proposta do Conselho approvou-se que o socio correspondente, sr. Francisco Tavares Proença Junior fosse eleito socio effectivo.

O sr. Presidente interrompeu a sessão por alguns minutos a fim de que os socios podessem fazer as listas para a eleição do vogal a que se referia o officio do Eminentissimo Cardeal Patriarcha

Reaberta a sessão, feita a chamada e corrido o escrutinio, verificou-se que tinham entrado na urna 19 listas, uma das quaes inutilisada, recaindo 18 votos no socio effectivo sr. Miguel Ventura Terra.

O sr. Presidente disse que ia officiar a Sua Eminencia, dando-lhe conhecimento d'esta eleição.

O sr. Adães Bermudes apresentou uma proposta para admissão de dois socios, um effectivo e outro correspondente.

O proponente requereu que fosse enviada ao Conselho e assim ficou resolvido.

Encerrou-se a sessão pouco depois das 9 horas.

Para constar escrevi a presente que subscrevo.

O Secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

## EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA

### REPRESENTAÇÃO FEITA AO MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS

Senhor: — Apezar dos esforços heroicos do celebre ministro Marquez de Pombal, e de todos os individuos e corporações, que lhe seguiram o exemplo, para reedificarem esta cidade de Lisboa, tão favorecida pela sua natural belleza e pelas vantagens da sua situação e clima, ainda não foi possível apagar de todo os vestígios do pavoroso terramoto de 1755, que a reduziu a um quasi completo montão de ruinas.

O frontão da igreja denominada da Conceição Velha é um dos mais frisantes exemplos, pois tendo em vista occultar os effeitos d'aquella terrível catastrophe, mais os evoca e aviva com o seu aspecto de providencia transitoria e infeliz, á espera de uma solução definitiva.

A fachada que elle remata é uma joia preciosa da arte manuelina, uma reliquia veneranda do magestoso templo da Misericordia, victima do referido cataclysmo, um padrão glorioso da fundação das Misericordias pela benemerita Rainha D. Leonor, um relicario onde se guarda a imagem de Nossa Senhora do Restello, perante a qual Vasco da Gama e seus audazes companheiros ouviram missa antes da partida para a descoberta da India.

O estrangeiro, amigo das artes, que visita Lisboa, sem duvida que, ao contemplar o portico e as janellas da referida igreja, sente uma agradável impressão; mas essa em breve é substituida por outra de desagrado, bem mais intensa, quando contempla o anachronico coroamento d'aquelle templo.

Silva Tullio, Vilhena Barbosa e Gomes de Brito, esclarecidos espiritos, levantaram o seu brado na imprensa em diversas epochas, a pedir para honra da arte nacional a demolição de tal frontão.

Agora Monsenhor Elviro dos Santos suggestionado pelas festividades que se celebram em todo o orbe catholico, no corrente anno, para commemorar o 50.<sup>a</sup> anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição, renovou aquelles protestos no meio d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a que pertence na qualidade de socio effectivo, apresentando uma proposta fundamentada, que, depois de ter sido approvada pelas secções de archeologia e architectura, foi adoptada pela Assembléa Geral da mesma Real Associação, na sessão do dia primeiro do corrente, onde se deliberou representar a Vossa Magestade sobre a necessidade da demolição do frontão da igreja da Conceição Velha e do complemento da fachada em harmonia com o estylo da restante frontaria d'aquelle templo.

Espera pois, esta Real Associação que Vossa Magestade, como desvelado protector das artes e como Padroeiro da Igreja em Portugal, se dignará acolher esta respeitosa solicitação com a sua alta benevolencia, ordenando a execução d'aquelles trabalhos, que, com modestissimo dispendio, melhorariam consideravelmente um monumento que se impõe á veneração do paiz pelas honrosas tradições que representa. — Lisboa, Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em 3 de Agosto de 1904.

O Presidente da Assembléa Geral

(a) *Augusto José da Cunha*

E. R. M.

## Conventos da Ordem do Carmo

« Outra ordem se introduziu ainda em Portugal no seculo XIII, tendo passado no começo d'este seculo, da Syria para a Europa. Referimo-nos aos carmelitas calçados, cujo primeiro convento se diz ter sido o de Moura, principiado a edificar pouco depois de 1251. Esta ordem tambem se desenvolveu pouco em Portugal até ao fim do seculo XV. A' fundação de um convento em Lisboa em 1389 pelo condestavel Nuno Alvares deveu a sua maior celebridade entre nós, tomando ahi o habito e vindo a morrer n'essa casa o illustre guerreiro. Teve a ordem ainda o convento de Collares, principiado a construir em terreno de que tomou posse o convento de Lisboa em 1450, e edificado afinal n'outro sitio que foi doado em 1457, concluindo-se a construcção já no seculo seguinte; e teve mais o da Vidigueira, cuja antiguidade se attribue a 1495 ».

« Historia da admin. publ. em Port. » pelo sr. Gama Barros, t. I, pag. 258.

### COPIA DE UMA INSCRIÇÃO EXISTENTE NO MUSEU DO INSTITUTO DE COIMBRA

De uma carta do illustrado socio effectivo, sr. Francisco Tavares Proença Junior, ao secretario da Associação, sr. Rocha Dias, transcrevemos alguns periodos referentes a uma pedra achada proximo de Montemor-o-Velho e ha pouco recolhida no Museu do Instituto :

E' uma inscrição romana tumular em marmore muito ordinario. Os caracteres estão nitidamente gravados e nada deteriorados.

A inscrição diz o seguinte :

D · M · S  
L · CADIO · CELLAE · ANN  
XXVII · LCADIVS · CARVS ·  
ET · VALERIA · RVFINA ·  
PARENTES · F · OPTIMO ·  
F · C

## VESTIGIOS DA CIVILISAÇÃO ROMANA

### EPIGRAPHIA LAPIDARIA EM COURA

Os successivos dominadores da formosa península cis-pyre-naica que mais vestígios deixaram da sua civilização, foram os romanos, os godos e os arabes.

Quanto aos romanos, avultam no primeiro plano, como determinantes do facto, a sua duradoura permanencia no solo iberico e a inexcedivel solitudine, que dispensavam ás terras obtidas pela conquista.

Fixada esta pela unificação administrativa, todos os esforços dos conquistadores se conjugavam no intuito de obter o bem estar dos conquistados.

E assim se insinuaram no animo dos povos peninsulares, que, se não foram transformados pelo cruzamento, soffreram todavia notavel modificação na sua contextura ethnica e social.

O romano nunca commetteu prepotencias para assimilar, mas a assimilação ia-se realisando suavemente, pouco a pouco, sem impugnação, sem desprazer.

Ainda hoje, á distancia de quinze seculos, que tantos têm decorrido desde a invasão goda na península, nos causam profunda admiração os vestígios da prodigiosa civilização do povo romano, d'esse grande povo que, proficientemente autopsiado pela critica da Historia, mereceu da mesma critica a justa antonomasia de Povo - Rei.

*Populus late rex.*

Os vestígios, a que estamos alludindo e que não são exclusivos da península, estendendo-se outrosim por varios paizes, especialmente os neo-latinos, não passam facilmente despercebidos.

Os de ordem sociologica são sobretudo palpaveis nas instituições politicas e municipaes. na linguagem, no direito e na religião mesmo.

E senão vejamos.

As principaes formas de governo, ainda hoje adoptadas, não foram todas ensaiadas em Roma, com maior ou menor viabilidade durante o longo cyclo da sua alterosa existencia politica?

O municipio, que synthetisa a emancipação popular e que tão preponderante papel desempenhou em tempos idos, não é uma copia mais ou menos fiel do *municipium* romano?

A lingua, esta sonora e opulenta lingua, em que se tem burilado formosos monumentos litterarios, não é filha dilecta da lingua de Roma?

Lá o disse o grande epico (1):

.....  
 E na lingua, na qual quando imagina  
 Com pouca corrupção crê que é a latina.

Quanto ao direito, não tem sido o direito romano mais ou menos acatado durante longos seculos em todos os fóros? (2)

Não foi o christianismo o credo religioso de milhões de subditos dos cesares, suplantando, pela excellencia da doutrina, o polytheismo pagão tão profundamente radicado na velha sociedade romana?

(1) *Lusiadas*, canto 1.º, est. 33.ª.

Apesar dos importantissimos vestigios do latim na nossa lingua, quer do latim rustico conservado atravez dos tempos no idioma popular, quer do litterario da Renascença, vestigios que importam o asserto quasi unanimemente acceto de que a lingua portugueza é filha da latina, já houve quem pretendesse negar essa filiação.

Foi o cardeal patriarcha de Lisboa D. fr Francisco de S. Luiz, no seculo Francisco Justiniano Saraiva (1766-1845) natural de Ponte do Lima. Este fecundissimo escriptor publicou sobre o assumpto um trabalho com o seguinte titulo: *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.*

Não conseguiu o intento.

(2) A famosa compilação de Justiniano, o *Corpus juris civilis*, que constituiu a jurisprudencia romana ensinada e praticada no tempo d'aquelle principe, ainda é hoje observada entre as nações modernas da Europa. O direito romano, disse um escriptor nosso, exerceu a influencia mais salutar sobre a marcha da civilisação e sobre a formação do direito moderno.

Na 2.ª cadeira do 1.º anno de direito da nossa Universidade estuda-se direito romano accommodado á jurisprudencia patria.

Quanto aos vestígios de ordem material, por toda a parte se nos deparam não só em notaveis construcções, ou solidas ainda arrostando com a acção corrosiva do tempo ou em venerandas ruínas: mas tambem em modestos padrões, dignos comtudo do nosso acatamento.

Entre estes padrões merecem-nos hoje especial referencia os miliarios dos quaes Coura possui alguns exemplares em Rubiães.

O breve relato, que d'esses exemplares passamos a fazer, implica o assumpto da sub epigraphé d'este artigo.

\*

Sabe-se pelo celebre Itinerario de Antonio Pio que de Braga para Astorga « a Bracara ad Asturicam », partiam quatro vias militares: uma, por Salacia (Salamonde, no concelho de Vieira), Praesidium e Caladuno (Codeçoso do Arco e Gralhas, no concelho de Montalegre), Aquae Flaviae (Chaves), etc; outra de que ainda ha consideraveis vestígios, inclusivé lanços do pavimento, e é muito conhecida sob a designação de « estrada da Geira », atravessava o Gerez, etc.; outra pelo littoral, passava por Aquis Celenis (Barcellos), Vico Spacorum (Ancora), internando-se depois pela Galliza, e, finalmente, a ultima por Limia, Tude, etc.; indo entroncar na precedente.

Pertenceram a esta estrada, que Hubner designa por « Via Bracara Asturicam Quarta », os milliarios de Rubiães.

\*

Ao leitor curioso, que queira emprehender estudo de folego sobre o traçado d'esta via militar aconselhamos a consulta de duas obras importantes. São ellas: « De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani » e « Memorias do arcebispado de Braga », das quaes é auctor D. Jeronymo Contador de Argote (1676 1749), clérigo regular theatino e membro da Academia Real de Historia (1).

---

(1) Comquanto não sejam obras raras nós não as temos encontrado no mercado.

Manuseamos as edições de 1734 e 1736 na Bibliotheca do Real Paço da Ajuda.

O illustrado academico é sobremaneira prolixo em noticias, mas cumpre-nos ainda informar que infelizmente essa prolixidade termina na descripção da estrada por terras do Lima.

No « De antiquitatibus », escreve apenas :

« proseguia (a via militar) já outra vez incorporada com a estrada actual até Ponte do Lima, e depois ao concelho de Coura, com se infere de duas columnas, que existem na igreja de S. Bartholomeu de Antas, d'aquelle concelho, as quaes foram transferidas para ali do alto do monte por onde corria a via militar, e tem as seguintes inscripções ».

Nas « Memórias », a pag. 610 e seguintes da edição de 1734, nos curiosissimos capitulos, em que se occupa de reparações na estrada, escreve :

« Na aldeia de Antas, concelho de Coura, na capella de S. Bartholomeu, existem duas columnas que dizem se transferiram para ali, existindo primeiro no alto do monte, por onde corria a via militar de Braga para Tuy ; e de uma se mostra ser esta estrada reedificada no tempo do imperador Magnencio a cujo irmão está dedicada a columna, como se colhe da inscripção, que é a seguinte ».

Das inscripções e ligeiras considerações por elle additadas, abaixo fallaremos.

Quanto aos outros repositórios, que temos manuseado para elucidação do assumpto, citamos e aconselhamos os seguintes : « Portugal Antigo e Moderno ; o « Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinarum », de Hubner (1) ; e os « Milliaris do Conventus Bracaragustanus », pelo illustre professor o reverendo Martins Capella.

Em nenhum d'elles, porém, se encontram dados que nos permitam determinar com precisão a directriz d'aquelle estrada em terras de Coura (2).

(1) Editada em Berlim em 1892. Manuseamos esta importante obra na bibliotheca publica de Lisboa.

(2) Ainda não perdemos a esperanza de, *de visu*, por quaesquer vestigios e por conjecturas racionais, determinar approximadamente essa directriz.

Aguardamos apenas a oportunidade.

Diz-se que as atravessava, nada mais. E nós, os filhos da terra, pelos vestígios existentes, pelo traçado nos visinhos, concehlos de Ponte do Lima e Valença, e ainda pela tradição, é que podemos afirmar, sem receio de erro, mas sob um ponto de vista generico, que atravessava as terras de oeste, isto é, as freguezias de Romarigães, Rubiães e Cossourado, dirigindo-se d'aqui a Tude, a moderna Tuy.

Fallemos dos milliarios de Rubiães.

Como se sabe, estes padrões eram collocados nas estradas de mil em mil passos: d'ahi, o nome de milliarios (1).

Mas antes de proseguirmos, seja-nos permittido dizer duas palavras sobre a grandeza do passo, de que aqui se falla. Essas palavras não serão nossas, mas transcriptas do dictionario de Larousse, o notavel encyclopedista francez, cuja auctoridade é bem notoria. Assim na palavra « pas », tratando de metrologia antiga, escreve:

« Le « passus » des Romains n'était point le simple pas (gradus), mais le double pas. On appelait « gradus », la distance d'un pied à un autre dans la situation de la marche ordinaire; on appelait « passus » l'intervalle compris entre la place qu'occupait un pied et celle que le même pied allait occuper ensuite. Le « passus » valait deux « gradus », et il fallait 1000 passus pour un mille romain ».

Ora, regulando o passo médio de um homem de estatura média por 0,<sup>m</sup>75 e portanto o duplo passo romano por 1,<sup>m</sup>5, segue-se que mil passos ( milha ) representavam a extensão de 1:500 metros.

Estavam, pois, os milliarios romanos á distancia de kilometro e meio uns dos outros (2).

(1) Cagnat, professor de epigraphia e antiguidades romanas no Collegio de França, auctor da interessante obra *Cours de épigraphie latine*, divide, a pag. 237 e seguintes da edição de 1890, os milliarios (bornes milliaires) em 8 grupos.

Os de Coura pertencem ao 2.<sup>o</sup> grupo.

Não fazemos transcripções, porque forçosamente seriam um pouco extensas.

(2) Os milliarios das nossas estradas designam, como se sabe, mil metros.

São vulgarmente conhecidos por *kilometros*. Não se referem ao rei, e apenas marcam as distancias kilometricas entre elles e diversas terras.

Passando a enumerar os milliarios pela ordem, com que presidiram aos destinos do imperio romano d'aquelles a quem n'elles se faz referencia, temos :

### Primeiro

*No Crasto*

IMP. CAESAR. DIVI  
F. AVG. PONTE. MAXI  
MVS : MPXX. CON  
SVL. XIII. TRIB. POT ::  
XXXIV. PATER. PATRI ::  
A BRAC XXX

Refere-se ao primeiro imperador Romano, Caio Julio Cesar Octavio, que desempenhou a suprema magistratura imperial (1) desde o anno 38 A. C. até 14 da nossa era.

A inscripção é de facil leitura e traducção.

### Segundo

*Na capella de S. Bartholomeu em Antas*

IMPERATOR NERVA  
CESAR AVG.  
P. M. TRIB. POT  
P. P COS. III  
A BRACARA  
M. P. XXXV

Refere-se ao imperador Nerva, successor de Domiciano. Nerva (Marco Coeccio), nasceu em 22 e morreu em 98, tendo assumido as redeas do imperio em 96.

E' de facil leitura e traducção.

---

(1) D'onde deriva o titulo de *Augusto* para elle e seus successores.

**Terceiro***No adro da igreja de Rubiães*

IMP CAES. DIVI SE  
 DIVIMARCI ANT  
 DIVIANTONINI  
 DIV.HADRIANI ABNEP  
 DIVITRAIANI  
 DIVINERVAE ADE  
 M. AVRELIO A :: O  
 PART MAX  
 BRIT MAX  
 GERMANIC  
 PONTIFICI. M  
 TRIB. POT  
 COS IIII P P  
 ABRAC ::  
 .....  
 .....  
 .....

Refere se ao imperador Marco Aurelio Antonino Bassiano, cognominado Caracalla, que succedeu a seu pae Septimo Severo, em 211. Morreu em 217.

Os caracteres graphicos d'este marco são bem perceptíveis.

Estão, porém, truncadas quasi todas as linhas por ter sido cavado longitudinalmente, parece que no intuito de o adaptar a sepultura, o que difficulta a leitura e traducção.

(*Conclue*)

M. J. CUNHA BRANDÃO

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»  
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 2, t. x, pag. 96)

**Villarinho da Louzã**, outr'ora **Villarinho das Moitas**. — freg., conc. da Louzã. — Egreja matriz muito antiga, comquanto não seja a primitiva, porque esta era no sitio das *Moitas*, pelo que a freguezia se denominou *S. Pedro das Moitas*. Differentes capellas, sendo uma de *Santo Antonio* na aldeia de *Franco*.

**Villarinho da Mó** — freg. de Beça, conc. de Boticas. — Entre outros templos, a capella de *Santo Antonio* nas *Lavradas*. — Castello de *Seirraõs* entre esta freguezia e a ribeira de *Terra*.

**Villarinho das Paranhos** — freg., conc. de Chaves. — Egreja muito antiga: columnas de ordem corinthia no altar mór. — « No sitio da *Ribeira*, junto do *Tamega*, se encontram restos de muros antiquissimos no termo d'esta parochia, geralmente attribuidos aos romanos, bem como outros muitos restos de muros que se encontram nas margens do *Tamega* desde aqui até *Chaves* e que levam a crer a demorada residencia dos romanos n'estes sitios. »

**Villarinho de Cotas** — freg., conc. de Alijó. — Egreja matriz que se suppõe ter sido edificada no sec. xvi. — Capella de *N. Sr.ª do Couto*, feita em 1650 e interiormente revestida de azulejos. — Capella de *Santo Apollinario* construida em 1771. — Ruinas de um castello. — « Ali se tem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas de tijolo e muitos fragmentos de ceramica antiquissima. Outro castello semelhante existiu junto de *Casal de Loivos*, freg. proxima e limitrophe. »

**Villarinho de S. Romão** — freg., conc. de Sabrosa. — Egreja matriz muito antiga. — Capella de *N. S.ª da Salvação*, notavel pela sua riqueza. Foi fund. em 1462. Lapidaria curiosa na frontaria. Inscricção sobre a padieira da porta. Sepultura do fundador, com inscripcão. — *Indice parlamentar*, pelo sr. A. d'Albuquerque, t. 1, pag. 100.

**Villarinho da Samardã** — freg., conc. de Villa Real — Ponto

de passagem de uma estrada romana de Chaves para Lamego. — Morro a que chamam *Cividade*, onde se diz que existiu um castello e se tem encontrado muitas moedas romanas. Tambem segundo a tradição, houve um castello *mourisco* (?) no sitio denominado *Monte da Murada* ou *Muralha*.

**Villarôco** — freg., conc. de S. João da Pesqueira — Egreja matriz muito antiga, reedif. por differentes vezes. — Capella de *Santo Antonio*.

**Villas Boas** — freg., conc. de Chaves. — Egreja matriz construida em 1790. No alto do monte de *Santa Barbara* veem-se restos de uma povoação e de fortificações antiquissimas, talvez dos romanos. Aqui se tem encontrado muitas moedas d'esse tempo. — *Memo-rias de Braga* por D. Jeronymo Contador d'Argote, vol. II, pag. 495.

**Villas Boas** — villa e freg. do conc. de Villar. — Alem de outros templos, duas capellas de *Santo Antonio*, uma no alto da villa e outra na povoação da *Ribeirinha*. — Nos dois pontos culminantes da *Serra do Pharo*, a *Serrinha* e o *Cabeço Gordo*, « tem-se encontrado ruinas de casas e de fortificações antiquissimas, moedas romanas e sepulturas abertas na rocha, como se encontraram tambem no pavimento da egreja matriz, o que prova que estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos. » — Pelourinho de muito antiga data. — Sanctuario de *N. Sr.ª da Assumpção* no pincaro d'este nome, onde ainda se vêem « restos de um muro que mostra ter feito parte de fortificação antiquissima; ali e em volta do mesmo pincaro se tem encontrado muitas moedas romanas; sepulturas cavadas na rocha, e outras feitas de tijolo; em um pequeno outeiro proximo do lado de *Villa Flor*, se vêem restos de edificações; no chão onde hoje está a capellinha do *Calcario* se encontrou uma cisterna e, quando se fez a escadaria proxima, encontrou-se o encanamento que devia conduzir a agua para a dita cisterna. Tambem a pequena distancia do mesmo pincaro se vê ainda grande quantidade de escorias de preparação de metaes. » — *Sanctuario Marianno*, t. IV; *Descripção da provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro. Cod. 486 da Bibl. Munic. do Porto.

**Ville** — freg., conc. de Caminha — A egreja actual « teve principio em uma capellinha de S. Sebastião que desde tempo immemorial esteve em um monte proximo, hoje povoado de pinheiros e denominado *Pinhal do Santo*, nome que tomou da velha capellinha, porque n'estes sitios e em grande parte do Minho o martyr S. Sebastião era e é denominado por antonomasia *o Santo*. » — A meio d'esse pinhal vê-se um dolmen já sem cobertura. — O convento beneditino de *S. Pedro de Varaes*, talvez do sec. VII, ficava ao norte d'esta freg., no monte que a separa da freg. de Azevedo. Na capella de *S. Pedro de Varaes*, uma sepultura mettida na

parede. — *Curucho dos Mouros* « formado por medonha penedia muito ingreme, escavada e nua; termina em um pianalto de difficil accesso, e foi defendido por importantes obras d'arte, de que ainda hoje se vêem claros vestigios: « restos de muros e de fossos e grandes movimentos de terra. » — Artigo do doutor Francisco Martins Sarmiento no *Pero Gallejo*, jornal de Vianna, de abril, 1882; Descrição de *Caminha*; *Anta do Pinhal do Sancto de Ville*, artigo do dr. F. Martins Sarmiento na *Revista de Sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 1893, vol. iv, n.º 13; 2.ª série, n.º 5, pag. 27).

**Villela** — freg., conc. de Amares. — Ao norte d'esta povoação passava a estrada da *Geira*, de que restava ainda ha pouco um marco milliario no alpendre ou gallilé da matriz. — Capella de *Santo Antonio*. — *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, pag. 50, v; *Memorias de Braga* por D. Jeronymo Contador de Argote, t. II, pag. 536, v, e *De antiquitatibus*, vol. 3.ª das ditas *Memorias*, pag. 292; *Portugalix Inscriptiones*, pag. 57; *O Minho Pittoresco*, t. 1, 437.

**Villela** — freg., conc. de Povoia de Lanhoso. — Igreja matriz construida em 1755 a 1764: de architectura dorica e elegante, apezar das alterações que lhe tem feito. — Lápida muito antiga junto do alpendre do passal. — *Jornal A Maria da Fonte* (1886).

**Villela** — freg., conc. de Paredes. — Capella de *Santo Antonio*. — Convento de Santo Estevão, de conegos regrantes, fund. pelo capitão D. Payo Guterres, filho de D. Guterres, que vieram para Portugal com o conde D. Henrique. O mesmo D. Payo fundou tambem o convento de S. Simão da Junqueira, nos arrabaldes de Villa do Conde. — Igreja parochial, e a do convento. — *Chronica dos conegos regrantes* por Fr. Nicolau de Santa Maria, t. 1, pag. 323; *Dissertações chron. e crit.* de João Pedro Ribeiro, t. 1, pag. 228 e 229; *Nobiliario do Conde D. Pedro*, t. 35, § 2.º.

**Villela das Choças** ou **Villela** — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Igreja parochial reconstruida no sec. XVIII. Dois morros dencinados *Côto do Viso* e *Côto do Signo Samão*. « Este ultimo é formado por grandes penedos sobrepostos. »

**Villela do Tamega** — freg., conc. de Chaves. — Igreja matriz reconstruida em 1750. — Junto do Tamega « claros vestigios de construcções romanas que o povo denomina *obras dos mouros*, e uma ponte de pedra com assentos de pedra tambem aos lados. Ha memoria de se terem encontrado moedas romanas em varios pontos d'esta freguezia. »

**Vimeiro** — freg., conc. da Lourinhã. — Gruta junto ao lugar de *Maceira*, onde se tem encontrado objectos de sílex — raspadores, estiletos, facas, etc. — muitos d'elles em poder do sr. dr. Xavier da Silva Freire.

**Vimeiro** — freg., conc. de Alcobaça. — Igreja matriz reedifi-

cada em 1743; é na *quinta do Vimeiro*. -- *O Mosteiro de Alcobaca* pelo sr. M. Vieira Natividade; *Portugal* por Ferdinand Denis.

**Vimieiro** — freg., conc. de Santa Comba Dão. — Igreja matriz muito antiga; portico d'arco de volta inteira.

**Vimioso** — villa e concelho. -- *Castello d'Algoso*, muito antigo e bem conservado. — Igreja matriz, de architectura toscana; data dos fins do sec. xvi. — Igreja da Misericordia fund. em 1555 por D. Catharina de Quinhones, aia de D. Catharina, mulher de D. João III. — No sec. xvi havia o *Castello de Vimioso*, cuja planta assim como a de outros nossos castellos e praças d'aquelle tempo, mandada tirar pelo rei D. Manuel, se encontra na Torre do Tombo. — No sitio da *Atalaia* uma torre muito antiga e restos de um grande fosso, que faz suppor a existencia de um *castro romano*. Ha mais tres *castros* que o povo denomina *castros dos mouros*: um no fundo do *Valle de S. Miguel*; outro na margem esquerda do rio *Angueira*, no sitio da *Terronha* e outro na *Batoqueira*, na margem esquerda do rio *Maçans*. Ha ali duas rochas: a *Fraga do Muro* que tem dentro, abertas a pico, tres grandes salas para as quaes se entra a custo por um buraco, tambem aberto a pico, a bastante altura do solo; e a do *Forno da Batoqueira*, em que ha uma grande sala, com entrada por um grande orificio ao rés do chão. — *Prado de Cabanas*, onde estancearam no reinado de D. Manuel os judeus que de Castella foram expulsos pelos reis catholicos. — Grutas prehistoricas na *Quinta dos Picadeiros* e na parte occidental do concelho de Miranda do Douro, freg. de S. Pedro da Silva, onde é a gruta denominada *Buraco dos Ferreiros*. — Marmores e alabastros. — Outra gruta descoberta em 1886, a pequena distancia da *dos Ferreiros* em que se tem encontrado « ossadas humanas e de animaes antediluvianos taes como o *mammuth* (urso das cavernas) *rangifer* e *mastodonte*, crancos humanos que tem na abobada occipital e paredes temporaes nove millimetros d'espessura. Um d'estes conserva no maxillar superior todos os dentes, mas de uma fórma exquisita — curvos para fóra. — Um cranco miocephalo, femures, tibias, lacertes cubitos, etc., tudo encrustado em stalagmites e stalactites, e despojos e instrumentos da epoca terciaria miocena e quartenaria, da pedra e do bronze. Tambem nos consta que na freguezia de *Izeda*, povoação de *Serapicos* e n'outros pontos, já posteriormente se encontraram novas grutas semelhantes áquellas. » — *Descrição da provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro (Codice n.º 486 da Biblioth. Munic. do Porto); *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 145; *Ruinas de S. Mamede* (*Archeol. Port.*, vol. II, n.º 12, pag. 299) *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque, pag. 100, t. 1.

**Vinhacs** — villa e concelho. — Teve dois conventos, um de freiras,

outro de frades, da ordem de S. Francisco: o primeiro é do sec. xvi e o segundo, do sec. xviii. Na igreja d'este existem e na capella do *Senhor dos Perdidos* inscripções em portuguez e em latim. — Ha outra inscripção latina n'um chafariz octogono, de granito, a meio do claustro. — Igreja de S. Facundo, fundada pelos godos, conforme a tradição. — Em 1872 encontraram se no monte da *Vidueira* muitas moedas romanas bem conservadas. — Vestigios de povoação muito antiga no monte denominado *Ciradella* ou *Ciradala*. — Marco milliario e lapida mencionados por Grutero e Viterbo. — Teve castello. — Inscripções em portuguez na casa de Estevam de Mariz e nas ruinas da capella da familia *Colmieiros*, no *Bairro d'Alem*. « O recolhimento de Mófreita e o espirito das ordens religiosas » por Ferreira Deusdado; *Uma visita artistica a Bragança e Vinhaes* pelo sr. Rangel de Lima (Veja **Bragança**); *Arch. Pitt.*, vi. 29; *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque t. 1., pag. 100; *Primeiro de Janeiro* n.º 10, 1903.

**Vinhas** — freg., conc. de Macedo de Cavalleiros. — « A capella mór da igreja matriz é em fórma de rotunda e o corpo da igreja em estylo gothico, reconstrucção dos fins do sec. xviii. »

**Vinhó** — freg., conc. de Gouveia. — Convento de freiras franciscanas; sepultura dos seus fundadores no vão da tribuna do altar mór da igreja, do lado do Evangelho.

**Vinhó** ou **Avinhó** — freg. de Redondello, conc. de Chaves. — Lapida romana, com inscripção, encontrada por Thomé de Tavora em uma veiga entre a povoação de *Pastoria* e *Casas Novas*.

**Viseu** ou **Vizeu** — cidade. — Restos de uma fortaleza romana. — Torre de menagem, que serve de cadeia civil. — Sé cathedral, de architectura manuelina: a do claustro é um mixto das ordens jonica e doricca. — Inscripção em portuguez na capella de *Santo Antonio*. A capella da cruz « tem sobre o claustro um grande portico em arco; n'elle a data 1567 e uma inscripção e por baixo d'esta uma cruz esculpida e outra dourada. » — Notavel capella do Calvario, que na sua origem pertenceu aos velhos paços reaes e que é com certeza anterior á fundação da monarchia. Tem ornamentação exotica e figuras indecentes, pelo que parece que não foi construida para templo catholico. Serviu de jazigo aos primeiros prelados vizienses. — Inscripção em latim na porta da sala capitular da sé. « A sé tem janellas de tres estylos que marcam tres datas e tres grandes reconstrucções. As mais antigas são as de *arco de volta inteira*, coevas da 1.ª fundação — da 1.ª abobada — e da antiga fortaleza talvez!... As de *ogiva* são posteriores e coevas da 2.ª abobada. — a abobada actual ou dos *nós*, feita nos principios do sec. xvi. As *rectangulares* são as mais modernas e datam da reconstrucção feita pelo cabido na vacancia de

1640 a 1671.» — Abobada dos *nós* ou de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, por este concluída em 1513, como consta de uma inscripção em portuguez alli gravada. E' toda de granito. — Azulejos de diferentes padrões e datas. — Mausoléos, com epitaphios, dos bispos D. Matheus II, D. Fr. João de Portugal, D. Ricardo Russel, e outros. — Inscripção em latim no portico, entrada para a avenida do paço episcopal e quinta de Fontello. — Inscripções, uma em portuguez, e outra em latim, no velho seminario (collegio) contiguo á Sé. — Inscripção em portuguez no convento dos Nerys. — Seminario, cuja igreja é de architectura *composita*. O convento foi edificado pelo bispo D. Ricardo Russel. São unicas em todo o nosso paiz as escadas d'este seminario; tornam-se singulares pelo segredo e arrojio da sua construcção: «nada menos de seis grandes lanços de escadas de pedra, com o peso de muitas toneladas, todos em recta e lançados sobre o espaço, sem se firmarem sobre columnas ou paredes, nem assentarem sobre coisa alguma?!... Apenas tocam nos patamares os seus ultimos degraus.» — Convento de *Santo Antonio*, de frades capuchos, fund. em 1633. — Convento de *Bom Jesus*, de freiras benedictinas, fund. em 1560 pelo licenciado Belchior Lourenço e sua primeira mulher Maria de Queiroz Castello Branco. — Convento de *S. Francisco do Monte* ou de *Orgens*, fund. em 1408. — Na quinta de S. Salvador, lapidas com inscripções que o sr. dr. Nicolau de Mendonça descobriu junto da *porta de S. Miguel*, uma das sete que havia nos muros da cidade concluidos em 1472. Hoje só existem duas portas: a do *Soar* ou de *S. Francisco* e a dos *Cavalleiros*. D'entre aquellas lapidas a mais notavel era a que tinha estado na porta de S. Miguel e que commemorava o nome de um viziense illustre, Fernão Lopes, o qual se distinguio na tomada de Arzilla em 1471, sendo armado cavalleiro por el rei D. Affonso V. — Portico da casa que foi dos morgados de Santa Christina, na rua do Chão do Mestre. — Inscripção em latim na frente da capella de *N. Sr.ª do Pranto*, no cimo de Villa, rua de S. Martinho, continuação da rua Direita. — Inscripções em portuguez nos frontispicios das capellas de *S. Domingos* e de *N. Sr.ª da Victoria*. Passeio de D. Fernando. — Igreja da *Via Sacra* ou de *S. Francisco das Chagas*; pela sua architectura mostra não ser anterior ao sec. xv. — Inscripções latinas na frontaria da igreja de *S. Miguel de Fetal*, onde, segundo a tradicção, foi sepultado D. Rodrigo, o ultimo rei dos godos. *Pulpito em feitio de calix*, formado por dois monolithos de marmore da Arrabida: esteve na sé cathedral e foi removido nos annos de 1720 a 1740 para a igreja de S. Martinho-extra-muros, passando em 1875 para a capella do cemiterio municipal, «onde se vê hoje com a mesma apparencia e formato que tinha, mas partido e com muitos fragmentos col-

lados.» — Caixão de pedra encontrado em 1818 no chão da galilé da capella de *Santa Christina*, depois *Capella de Santo Amaro*; tinha uma inscripção em latim. — Casa *Ortiz de Vilhegas*, ao Miradouro, em estylo manuelino meio gothico; tem na frente 4 janellas gothicas muito ornamentadas com columnas ao centro. — A meio da rua Direita uma casa cujas janellas são semelhantes áquella, porém de mais ornamento e antiguidade (?). — Janellão gothico na casa da *Torre* da rua da Cadeia. — *Casa dos Paes*, junto ás ruas da Ribeira e da Calçada. Tem claustro com varandas em volta, assentes sobre columnas; balaustrada de pedra muito bem lavrada, etc — *Cava de Viriato*, especie de fortificação romana, monumento que conta talvez 2000 annos, polygono irregular de 11 faces, em planicie funda a N. de Vizeu, a montante e a N N O. do *Campo da Feira* na margem direita do Pavia. — Em volta da cidade encontram-se *Oreas* ou *antas*, mãmoas e *penedos baloiçantes*. — *Vizeu - Apontamentos historicos* pelo sr. dr. Maximiano Pereira da Fonseca e Aragão (Vizeu, 1894-1893), 2 vol.; *Album viziense*, publicação mensal, litteraria e artistica, que principiou em fevereiro de 1884 e de que foi director litterario o sr. Cesar Augusto de Almeida e director artistico o sr. José d'Almeida Silva; *Almanack de Vizeu* (1884); *Noticias historicas de Vizeu* por José de Oliveira Berardo no periodico *Liberal* (6 de maio a 24 junho de 1837) e no *Observador* (jornal de Vizeu) de 1871; Inedito de que é auctor Francisco Manuel Correia: *Memorias em respeito á cidade de Vizeu*, sua antiga fortificação, cathedral, bispos e priores, cabido e ducado extincto e mais notabilidades de remota antiguidade e posteriores de que ha noticia. Por um curioso viziense. Anno 1876; *Memoria sobre algumas inscripções encontradas no districto de Vizeu* por José de Oliveira Berardo (Na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Scienc.* Nova série, t. II, parte II); *Dialogos moracs, historicos e politicos sobre a fundação da cidade de Vizeu*, historia dos seus bispos etc., por Manoel Botelho Ribeiro Pereira (1630), na Bibl. pub. do Porto; B 4, 187; *Introdução á archeologia da peninsula iberica* por A. F. Simões; *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Memorias da igreja cathedral de Vizeu*, (ms. da bibl. nac. de Lisboa, A 1, 46); *Corpus - Inscript. Hisp. Latin* pelo doutor Hubner, vol. II, supp.; *Cippo funerario romano descoberto em Vizeu* por Borges de Figueiredo (*Revista Archeologica*, t. 1, n.º 6); *Cava de Viriato* (*Occidente*, IX, 259); *Vizeu* (*Occid.*, XVI, 69); *Sé de Vizeu* — artigos do sr. Almeida e Silva no *Boletim da R. A. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. VII, pag. 36 a 38; *Arch. Pitt.*, v; *Indice parlamentar* pelo sr. A. d'Albuquerque, t. 1, pag. 100; *A handbook for travellers in Portugal*; *A cava de Viriato*. Noticia descriptiva e critico-historica, com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor; subsidio para a

questão da existencia de Grão Vasco, por Henrique José das Neves (Figueira da Foz, 1893); *Les arts en Portugal* pelo conde Raczyński; *Passatempo*, n.º 8, 1901; *Hist. de S. Domingos*, 4.ª parte, vol. v; *Branco e Negro*, n.º 13; *Convento do Bom Jesus de Vizeu. Breve noticia historica* pelo sr. Maximiano de Aragão (1897); *Passeios na provincia* por Eduardo Coelho (Lisboa 1893); *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* por L. A. Rebello da Silva; *Travels in Portugal* por John Latouche; *Portugal* por Ferdinand Denis; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 55; *Branco e negro*, t. II, 164, 188, 189, 268; *Le Portugal au point de vue agricole*; *Mem. sobre a fundação do asylo viziense da infancia desvalida. Apontam. de geologia agric.* pelo sr. F. de Figueiredo pag. 115; *A imprensa no districto de Vizeu* pelo sr. dr. Maximiano de Aragão; «*Gezette diplomatique consulaire du Portugal*», n.º 11, dec., 1896; *Misericordias* pelo sr. Goodolphim; *A quinta de Fontello da mitra de Vizeu* por I. de Vilhena Barbosa (*Commercio do Porto* n.º 280, de 1876); *Mala da Europa*, II, n.º 64; *Hist. de Portug.* de P. Chagas, 3.ª ed., I, 309; II, 189, 309, 320; III, 637; VII, 602 604; IX, Barbosa Colen, 201, 633; *Primeiro de Janeiro* n.º 81, 1902; *Noticia de alguns pintores portuguezes* pelo sr. dr. F. M. de Sousa Viterbo (1903); *Dolmen de Espirito Santo d'Arca* (*Archeol. Port.*, IV, 338); «*Constituições*» synodaes do bispado de Vizeu... por D. João Manuel (Coimbra, 1617); *Archeol. Port.*, IV, 238; «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo sr. Henrique da Gama Barros; *Encyclopedia das applicações usues* pelo sr. João Bonança; *A cava de Viriato*; (*Archeol. Port.*, IX, n.ºs 1 2); *Viriatho*, narrativa epo-historica pelo sr. dr. Theophilo Braga.

**Vista Alegre** — freg. de Ilhavo, conc. de Aveiro. — Capella de *N. S.ª da Penha de França* da Vista Alegre fund. por D. Manuel de Moura Manuel, bispo de Miranda. Paredes do corpo da capella forradas d'alto a baixo de bons azulejos dos fins do sec. XVII. Tumulo do fundador primorosamente executado. — Inscricção latina n'uma grande lapida de marmore branco por debaixo de um tumulo fronteiro áquelle. — Fonte do *Carapichel*, mandada construir em 1696 pelo citado bispo D. Manuel; tem uma inscripcção em portuguez (caracteres gothicos). — *O districto d'Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Memorias historico-estaticas de algumas villas e povoações de Portugal* com documentos ineditos, pelo sr. P. W. de Brito Aranha; *A Vista Alegre* — apontamentos para a sua historia, pelo sr. J. A. Marques Gomes (Porto, 1883); *Occidente*, XI, pag. 3, 8, 11, 16; *O tumulo do bispo na Vista Alegre* pelo sr. Mello Freitas (1891), pag. 102; *Novo alman. de lembr. luso brasileiro*, 1898, pag. 113.

**Vizella** (S. Payo) — freg. conc. de Guimarães — Igreja parochial

e cruzeiro antiquísimos. — *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I.

**Vizella** (S. Jorge) — freg. conc. de Felgueiras. — «No adro da igreja, ao pé d'algumas tampas de sepulturas antigas, appareceu uma das celebres estatuas, que alguns chamam *gallegas* e outros *lusitanas*. Segundo o auctorisado testemunho do sr. dr. Martins Sarmiento, remontam ao periodo romano. A dita estatua acha-se hoje no *Museu da Sociedade Martins Sarmiento*, de Guimarães.» — *Revista de Guimarães*, n.º 4, 1884.

**Vizella** (Santo Adrião) — freg., conc. de Felgueiras. — Igreja antiquíssima, do sec. XI (?) — Figuras d'anjos em alto relevo na parte externa da pia baptismal. Capella de S. *Claudio* construida em 1751. Inscricção gravada na padieira. Vestigios de um castro preromano, junto á capella de N. S.ª da *Tocha*. Inscricção funeraria em latim. — *Revista de Guimarães*, n.º 4, 1883; *Archeologo Portuguez*, t. I, n.ºs 1 e 6; *Revista illustrada*, 1890, pag. 4 e 11; *Primeiro de Janeiro* n.º 236, 1902; *Novo almanach de lembr. luso-bras.*, 1873, pag. 252, 1898, pag. 208; *Archeol. Port.*, VI, 187; *Malá da Europa*, 178, 180, 197, 1899; *A handbook for travellers in Portugal*; *Agua mineral medicinal de Portugal* pelo sr. dr. Alfredo Luiz Lopes.

**Vouga** — freg. de Lamas, conc. de Agueda. — Foi povoação romana. Magnifica ponte de pedra. — O *districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes.

**Vouzella** — villa e concelho. — Igreja matriz, cuja fundação se attribue aos templarios: portico e porta lateral em ogiva; campanario muito solido, «posto que baloiça quando dobram os sinos»; capella com um portico ogival; tem uma inscripção gothica. Inscricções nas campas d'algumas sepulturas. — Igreja da Misericordia na Praça de Cima: pia baptismal em que foi baptisado S. Fr. Gil. — Antigas capellas de S. Sebastião, de S. João e de N. Sr.ª da *Esperança*, ou do *Castello* «vulgarmente assim denominada porque se ergue no alto do monte *Lafão*, onde outrora existiu um castello arabe, ou talvez anterior á occupação arabe, cuja pedra se empregou na construcção do templo, conservando se apenas alguns restos da antiga fortificação.» — «O territorio de *Lafões* foi evidentemente povoado nos tempos prehistoricos da *idade da pedra*, como prova a *arca* ou *orca*, anta ou dolmen que ainda hoje (1889) se encontra no adro da igreja matriz da freguezia de Arca, no concelho de Oliveira de Frades, monumento megalithico e congenere dos muitos encontrados em volta de Vizeu, milhares d'annos anteriores ao lendario *Alafum*. — E outros dolmens ou monumentos congeneres provavelmente existiram e existirão talvez ainda, no concelho de Lafões, nomeadamente nas aldeias denominadas *Anta de Cima*, *Anta de Baixo*

e *Anta Cova*, freg. de Manhouce, hoje conc. de S. Pedro do Sul e na povoação de *Antellas*, diminutivo de *Anta*, dolmen, na freg. do Pinheiro, conc. de Oliveira de Frades, outr'ora de Lafões.» — Restos dos castellos de *Vilharigues* e de *Rêriz*. — Castellos de *Cambra* e de *Alcofra*, quasi intactos. — *Novo alman. de lembr. luso-brasileiro*, 1881, pag. 241; «Hist. da adm. publ. em Portugal» pelo sr. H. da G. Barros; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo sr. dr. Alfredo L. Lopes. V. **Pedro do Sul (S.) e S. Pedro do Sul.**

**Zambujal** — freg., conc. de Condeixa a Nova. — Capella anterior a 1528, data em que foi elevada a igreja matriz. — Montes que deram origem á lenda do *Mello e do Jeramello*. — *Expedição sciéntifica á Serra da Estrella em 1881*. Secção de Ethnographia. Relat. pelo sr. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira.

**Zambujal** — freg., conc. de Redondo. — Restos de um dolmen. — Descobrimento de moedas romanas em diferentes datas. — *Dolmens ou antas dos arredores de Ecora* pelo sr. Gabriel Pereira (1875). — *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 216.

**Zava** (quinta) — conc. de Mogadouro. — Grandes cavernas no monte da *Penha de Zava*, que parece um castello natural. «Foi habitado desde os tempos prehistoricos da idade da pedra.» — Dolmens ou antas. — O rev. abb. de Miragaya, sr. dr. P. A. Ferreira, possui dois machados de pedra, um encontrado junto da cidade de Miranda e outro em Ventozello, freg. do conc. de Mogadouro. — Vestigios de grande povoação n'este sitio que não consta tenha sido explorado: pedras lavradas e algumas ornamentadas, fragmentos de bahu de couro, grande quantidade de telhas, moedas antigas, carvões, etc. — Pia baptismal da antiga capella de Santo Amaro. — *Descripção da provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro (codice n.º 486 da Bibliotheca municipal do Porto).

**Zebreal** — freg. de Ruivães, conc. de Vieira. — Contador de Argote (*Memorias de Braga*) faz referencia a dois padrões aqui encontrados. — *Portugaliæ inscriptiones romanæ* de Levy Maria Jordão, n.ºs 136, 137, 146.

**Zebbras** — aldeia de Tras-os-Montes, visinha da de Val d'Egon e da de Santarem, segundo diz Argote, nas suas *Memorias de Braga*, t. II, pag. 496, — acrescentando que na dita aldeia de Santarem se encontravam ruinas de uma grande povoação romana». — Vestigios de castellos e fortificações na pendente N. da serra de Santa Comba, termo da freg. dos *Valles* «talvez as ruinas indicadas por Argote».

**Zebreira** — freg. conc. de Idanha a Nova. — Ruinas de um castello mandado edificar por D. João IV. — Pelourinho: «tem na base a data 1686 e termina em fórma de pyramide quadrangu-

lar, tendo em uma das faces em relevo dois leões e dois braços armados de cutello; na face opposta uma esphera armillar; em uma das outras faces um braço com um cutello e um esendo encimado por uma corôa; na face restante uma flor, que parece um amor perfeito.» — Igreja matriz que data de 1694. A primeira matriz foi a antiquissima capella do *Espirito Santo*. Capella de *S. Sebastião* edificada em 1668.

**Zezeze (Santa Marinha do)** — freg., conc. de Bayão. — Antiga igreja de *N. Sr.ª do Socorro*; antiquissima capella de *S. Pedro*, e, alem de outras, quatro capellas de *Santo Antonio* nas aldeias: das *Bouças* (profanada), de *S. Pedro*, da *Ermida*, e de *Ervedal*. — Igreja matriz de *Santa Marinha* restaurada no primeiro quartel do sec. xviii por Fr. Salvador, beneditino do convento de *Travanca*. Inscricção latina. — Casa e quinta de *Guimarães*: sepulturas antiquissimas abertas na rocha, e outras de tijolo. N'uma d'estas encontrou-se «do lado da cabeceira uma pequena moeda de cobre muito gasta e por certo do tempo em que era costume lançar com os cadaveres pequenas moedas nas sepulturas, costume antiquissimo, ainda hoje em vigor n'esta parochia.» — Monte do *Crasto* e monte *Revel* ou do *Fazo*. Aquelle foi *castro romano* e lá teem apparecido varias antigualhas. Duas d'ellas em 1889 estavam por indicação do sr. dr. Leite de Vasconcellos, no museu do sr. dr. Martins Sarmiento, na cidade de Guimarães. Em carta ao rev. abbade dr. P. A. Ferreira o mesmo sr. Vasconcellos deu as seguintes informações: «esses dois monumentos são duas figuras de pedra, uma representando um homem decapitado (por insultos do tempo) e representando a outra um quadrupede indeterminado; tudo isto pertence á antiga Lusitania; a quinta de Guimarães parece ter sido um cemiterio da epocha luzo-romana, a julgar pelos tijolos das sepulturas; encontrou em *Frende*, no sitio do Castello, uma interessantissima pedra d'esta mesma epocha, que representa um sacrificio de um touro; em *Gestoço*, tambem perto de *Santa Marinha*, appareceram ha annos uns dois alqueires de moedas romanas cobertas por uma pedra com um signal e dentro de vasilhas de barro; em *S. Thomé de Covellas*, conc. de *Baião*, ha um *castro*, onde os vestigios de muralhas e fossos são muito claros: ao pé de *Agrellos*, (freg. de *Santa Cruz do Douro*, conc. de *Baião*) ha outro *castro*, proximo ao qual encontrou um machado de pedra (partido) da epocha prehistorica (neolithica); na freg. de *Santa Cruz*, ao pé de *Cedofeita*, viu varios fragmentos ceramicos com caracteres muito archaicos; em *Góve*, freg. do mesmo concelho de *Baião*, ha outro *castro*, e na freg. de *Ancede* apparece n'igualmente muitas antiguidades; na quinta de *S. João* (conc. do Douro, freg. de *Santa Cruz de Baião*) ha duas sepulturas de

pedra, chamadas as *pias*, cavadas na rocha; ao pé de *Covellas* encontrou dois pucaros com vestígios muito antigos; e por ultimo diz que toda essa região é fértil em antiguidades. *Santa Marinha* principalmente dava muitas, se fosse explorada. — Dolmens ou antas no alto de *Baião* não longe de *Santa Marinha*. — Penedos denominados *cornudos* na parochia de *Viziriz*, referido concelho « O primeiro d'aquelles dolmens está na *Portella de Miro* (nome godo), freg. de *Valladares*, a montante das aldeias de *Godinho* e *Diagares*, junto da antiga estrada, talvez romana (?) de *Santa Marinha* para *Campello*, *Canavezes*, etc., a N. d'ella e distante apenas 10 a 11 metros. No dito dolmen se abrigam em tempos de chuva os transeuntes tanto pedestres como cavalleiros!... E a distancia de 1 kilom. para O. ha um grande penedo equilibrado sobre outro penedo, no monte de *Villares*. Talvez seja um *penedo baloiçante*. O 2.º dolmen está na freg. de *Gore*, junto da antiga estrada de *Baião* para *Canavezes*, etc., lado N. e em sitio deserto. E' maior do que o 1.º » — Sepulturas abertas em rocha, no monte do castello de *Freude*. — *Furna dos Mourões*, gruta no ponto mais baixo da quebrada que divide o monte do *Crasto* e o do *Facho* ou de *Revel*. — *Revista Archeologica*, t, III, pag. 177 e 178; *O Minho Pittoresco*, II, pag. 461.

**Zezeze** — rio da Extremadura, Beira Baixa e Douro. — Na margem direita, freg. de *Janeiro de Bairo*, conc. da *Pampilhosa*, ao sul do *Porto das Vaccas*, monte com a altitude de 436 metros, denominado *Lambedor*, « que fórma uma interessante península. No planalto da dita península qualquer pequena excavação deve dar muitas velharias historicas e prehistoricas. » — *Ponte Pedrinha*, a mais antiga do *Zezeze*, tem muitos arcos. — *De antiquitatibus Lusitaniæ* por André de Resende (Evora, 1393, fl. 78); *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro, pag. 143; *Mem. e estudo chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra* pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves noções chorographicas* de J. F. Montinho.

\* \* \*

N'um folheto de 66 paginas imprimiu-se em 1903 a **Addenda** I a estas *Noticias*, tratando agora o auctor de dar a publico a II.

## ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos

N.ºs 1 a 10 — Lisboa 1865 e 1866

Designação das Estampas	N.º em que foram publicadas
Planta geral e Real palacio e extincto convento de Mafra, obra mandada construir por El-Rei D. João V no anno de 1711 pelo architecto João Frederico Ludovice. (Lithogr.)	1
Planta terrea do edificio do novo Erario delineada pelo architecto civil José da Costa e Silva em 1789. (Lithogr.) Fachada principal do projecto para o novo Erario que devia ser edificado em Lisboa em 1789. (Lithogr.)	2
Planta geral do primitivo projecto do Real Palacio da Ajuda delineado pelo architecto civil José da Costa e Silva Lisboa, 1802. (Lithogr.)	3
Planta geral e côrtes — transversal e longitudinal — da casa de banhos projectada para ser construida em Lisboa no largo do Passeio Publico em 1835 — delineada pelo architecto J. P. N. da Silva. (Lithogr.)	4
Estampas (3) dos carceres da Inquisição de Lisboa e Palacio do Inquisidor Geral. (Lithogr.)	5
Sarcophago do Condestavel. (Lithogr.)	6
Copia do desenho para as 120 escolas Conde de Ferreira. (Lithogr.)	6
Objectos archeologicos expostos no Museu do Carmo. (Photographia)	7
Planta geral do palacio da Inquisição de Lisboa. (Lithogr.)	7
Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra. (Lithogr.)	8
Machado de bronze. (Gravura no texto.)	9
Monumento da Senhora D. Maria I. (Lithogr.)	10

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**  
**DOS**  
**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**  
 ( Tom. I a VI )

Estampas, Gravuras e Photographias (*)	Tomo e Pag.
1 Altar romano de granito descoberto em Castro Daire — Est.	II, 52
2 Antiquidades romanas descobertas em Italia — Est.	V, 124
3 Arcisse de Caumont (Retrato de) Grav.	I, 97
4 Basilique (La) de Bethléem. — Gravura no texto.	I, 71
5 Busto do architecto Botta — Est.	I, 58
6 Busto d'El-Rei D. Affonso Henriques — Phot.	II, 162
7 Calix do seculo xu, na Sé de Coimbra — Phot.	IV, 27
8 Calvario — Baixo relevo dos fins do seculo xv, offerecido pelo Summo Pontifice ao ultimo Marquez de Marialva — Phot.	II, 3
9 Capiteis corinthios — Est.	VI, 108
10 Chaminé de cosinha — Est.	IV, 83
11 Collar de filigrana de ouro, distinctivo dos vice-reis da India — Phot.	V, 142
12 Cópia photographica de uma carta autographa da rainha Izabel de Inglaterra.	IV, 106
13 Ara de Trajano, existente em Santo Antonio das Taipas, freguezia de S. Thomé de Caldellas, concelho de Guimarães.	I, 28
14 Diplomas do reinado de D. Affonso IV e D. Affonso V — 2 Phot.	II, 23
15 Distinctivo dos socios da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes — Grav. no texto.	II, 66
16 Dolmen de Gontinhães, denominado Lapa da Barroza ou dos Mouros — Est.	I, 169 II, 90
17 Dolmens da serra d'Ossa — Est.	III, 124
18 Dolmens descobertos em Portugal — Est.	II, 141
19 Igreja de S. João de Alporão — Grav. no texto.	V, 15
20 Igreja de S. Miguel de Viltarinho — Phot.	
21 Esculptura de um dos Passos da Paixão de Jesus Christo — Phot.	III, 75 VI, 191
22 Idem, idem — Phot.	
23 Espelho da fachada da igreja de S. João de Alporão — Grav. no texto.	II, 140 IV, 158
24 Exemplos de instrumentos de pedra prehistoricos — Est.	IV, 174
25 Idem, idem — Est.	V, 80
26 Figura de granito, da foz do Douro — Inscricção no texto.	
27 Figuras de uma urna da necropole romana descoberta em Alcacer do Sal — Est.	I, 91
28 Fragmentos ceramicos encontrados nas excavações do Monte Santa Luzia em Vianna do Castello — Est.	II, 52 V, 157
29 Frontispicio da igreja do Mosteiro de Paço de Sousa — Est.	V, 173
30 Gornil de prata dourada — Phot.	IV, 62
31 Grande argola de ouro achada em Penella — Est.	

(\*) Nomes dos auctores dos artigos respectivos ás gravuras, estampas e photographias com os numeros que se encontram neste indice:  
 Sá Villela (José Maria da Silva Leal), 1, 14, 46 e 48; Joaquim Possidonio Narciso da Silva, 2, 4 a 7, 9, 11, 12, 15, 17 a 45, 51, 53 a 61, 63 a 65, 67 a 76, 80, 82, 84; Sebastião Estacio da Veiga, 3; Arthur de Marsy, 4; M. M. Bordallo Pinheiro, 8; D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, 10 e 47; Cesario Augusto Pinto, 13, 16, 50, 62, 66; D. Rodrigo Amador de los Rios, 35 e 36; Francisco José d'Almeida, 49; Visconde de S. Januario, 52 e 79; Augusto Mendes Simões de Castro, 77; Jorge Cesar de Fignière, 78; Gabriel Pereira, 81; M. Velasco y Santos, 83.

Estampas, Gravuras, e Photographias		Tomo e pag.
32	Gravuras e esculpturas prehistoricas — Est.	VI, 93
33	Grupo de alumnos do curso de archeologia sob a proteccão de S. A. o Principe Real o Senhor D. Carlos — Phot.	VI, 126
34	Hospital militar de Macau — Phot.	I, 39
35	Inscripção arabe descoberta em Mertola — Est. gravura no texto.	I, 174, 192
36	Inscripção do fragmento da lapida sepulchral arabica descoberto em Mertola — Grav. no texto.	II, 58
37	Inscripção romana achada em Argel e que se refere aos bracarense — Est.	IV, 40
38	Instrumentos prehistoricos — Est.	IV, 94
39	Janella do antigo edificio monumental dos Jeronymos — Phot.	III, 144
40	Janella do Renascimento — Phot.	II, 71
41	Lapida com inscripção hebraica — Grav. no texto.	I, 78
42	Lapidas descobertas proximo de Lagos, no lugar de Espiche — Est.	I, 44
43	Machados de bronze descobertos em Portugal — Est.	III, 45
44	Maneira d'encabar os machados de pedra e de bronze, prehistoricos — Est.	VI, 135
45	Mascara romana descoberta na necropole de Alcaccer do Sal em 1874.	I, 131
46	Medalha da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — Grav. no texto.	I, 145
47	Modelo de uma abegoaria — Est.	IV, 161
48	Modelo para restauração da igreja dos Jeronymos em Belem segundo o projecto do architecto J. P. N. da Silva em 1867 — Phot.	I, 58
49	Modelos (Os mais modernos) para as construcções e mobiliario das casas para as escolas — Est.	III, 49
50	Mosaico romano descoberto em Vizella — Est.	III, 45
51	Mosaico de uma villa rustica romana descoberta em Leiria no lugar da Martim Gil, estrada da Figueira — Est.	I, 24
52	Mumia do antigo Perú — Phot.	IV, 142
53	Museu d'El-Rei D. Fernando, no Paço das Necessidades — Phot.	V, 108
54	Museu do Carmo — Est.	III, 25
55	Naves da antiga igreja do Carmo, Museu de Archeologia da R. A. dos A. C. e A. P.	III, 87
56	Necropole romana em Alcaccer do Sal — Est.	V, 92
57	Palacio das bellas artes na exposição de Paris em 1889 — Phot.	VI, 75
58	Pedra formosa — junto do adro da Igreja de Santo Estevão de Briteiros — Est.	I, 136
59	Penhasco existente no lugar de Linares, termo da villa de Anciães — Est.	V, 78
60	Placas prehistoricas achadas em Portugal — Est.	VI, 46
61	Planta da igreja de Sant'Anna do Campo, concelho de Ar-Rayollos — Est.	III, 111
62	Planta iconographica das Caldas das Taipas — Est.	I, 76
63	Plantas das principaes igrejas de Portugal — Est.	III, 87
64	Portal manuelino do convento de S. Francisco de Alemquer — Phot.	IV, 125
65	Primitivos brazões reaes de Portugal — Est.	VI, 62
66	Projecto para o estabelecimento thermal das Caldas de Vizella — 2 estampas.	II, 184
67	Projecto para a conclusão do Real Palacio da Ajuda. — Est.	I, 177
68	Sarmento e exequias de el-rei D. Manuel. — Phot.	IV, 9
69	Sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Phot.	IV, 77
70	Sarcophago existente na Sé do Porto. — Est.	V, 188
71	Sarcophago de D. Afonso Sanches (?), filho nat. de el-rei D. Diniz — Phot.	III, 169
72	Sarcophago de D. Gonçalo de Souza — Phot.	II, 124
73	Sarcophago romano descoberto na quinta da Gafa em Alcobaca — Phot.	I, 8

Estampas, Grayuras e Photographias	Tomo e pag.
74 Sé Velha de Coimbra — Phot.	VI, 12
75 Sepultura da idade da pedra, descoberta na Real Tapada da Ajuda — Est.	II, 177
76 Siglas nas construcções da idade media — Est.	V, 29
77 Sinete da Inquisição de Coimbra — Grav. no texto.	I, 125
78 Sphragistica brasileira — Est.	II, 106
79 Templo de Angkor Wat no reino de Cambodge — Est.	II, 33
80 Templo de Diana em Evora — Grav. no texto.	II, 5
81 Templo romano de Evora — Grav. no texto.	IV, 34
82 Tumulo de D. Fernando I, rei de Portugal — Phot.	I, 121, 153
83 Urnas cinerarias — Grav. no texto.	III, 57
84 Vasos encontrados nas grutas prehistoricas de Pahuella. — Est.	VI, 167

Nos indices dos tom. VII e seg. estão mencionadas as gravuras.

No tomo IX, n.º 4, pag. 25 e 26, encontra-se uma «*Brève noticia do Boletim*».

R. D.